

María del Rocío Mariscal Guzmán

O “LAVA-PÉS” NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO
PARÁBOLA DO AMOR AGÁPICO DE CRISTO
E CAMINHO DO DISCIPULADO CRISTÃO

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Johan Maria Herman Jozef Konings

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

María del Rocío Mariscal Guzmán

O “LAVA-PÉS” NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO
PARÁBOLA DO AMOR AGÁPICO DE CRISTO
E CAMINHO DO DISCIPULADO CRISTÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Linha de Pesquisa: Fontes Bíblicas da Tradição Cristã

Orientador: Prof. Dr. Johan M. H. J. Konings

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

M3421	<p>Mariscal Guzmán, María del Rocío O “Lava-pés” no Evangelho segundo João: parábola do amor agápico de Cristo e caminho do discipulado cristão / María del Rocío Mariscal Guzmán. - Belo Horizonte, 2018. 84 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Johan M. H. J. Konings Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Bíblia. N.T. João. 2. Lava-pés. 3. Discipulado. I. Konings, Johan M. H. J. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título</p>
CDU 226.5	

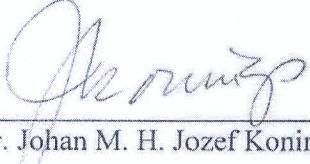
María Del Rocío Mariscal Guzmán

O “LAVA-PÉS” NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO
PARÁBOLA DO AMOR AGÁPICO DE CRISTO E CAMINHO DO DISCIPULADO
CRISTÃO

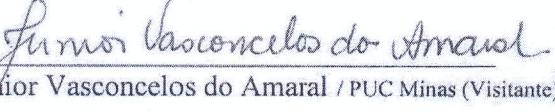
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 07 de agosto de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof. Dr. Johan M. H. Jozef Konings / FAJE (Orientador)


Prof. Dr. Rivaldave Paz Torquato / FAJE


Prof. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral / PUC Minas (Visitante)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer muito ao Pai, a Jesus e ao Espírito Santo, pela graça do seu amor agápico, por me chamar a seguir seus caminhos, e Maria por me acompanhar neles.

Agradeço a tantas pessoas que fizeram possível que pudesse viver este chamado que Deus me fez de cursar o Mestrado. Sou grata à Fraternidade Missionária Verbum Dei, a Jaime Bonet e aos meus responsáveis. À minha comunidade local da Casa da Palavra, com quem convivo a cada dia, e à Família Verbum Dei de Belo Horizonte agradeço pelo amor e pelo cuidado.

À Ação Episcopal Adveniat e à Rebeca Sahagun agradeço pelo apoio econômico que tornou possível este tempo de estudo. Agradeço à comunidade acadêmica da FAJE, professores, funcionários, colegas e amigos.

Também agradeço à minha família Mariscal Guzmán e a muitas pessoas que, em diversas experiências apostólicas ao longo da minha vida missionária, deram-me a oportunidade de me colocar a serviço, com o espírito do Lava-pés, e, assim, degustar o que acontece ao tentar amar, seguindo a Jesus.

De forma especial, quero agradecer às pessoas que, pela sua doação (tempo, orientação e revisão da dissertação), viveram o espírito de entrega do Lava-pés e me serviram, amaram, apoiaram, ajudaram e ensinaram: meu orientador Konings, Priscila e Ana Paula.

Agradecida, desejo continuar seguindo o caminho do meu Mestre e Senhor, na doação da minha vida onde Ele me chame.

RESUMO

Esta dissertação pretende apresentar duas abordagens sobre o Lava-pés (Jo 13,1-10a.12-15): como parábola do amor agápico de Cristo e como caminho para o discipulado cristão. Inicialmente, trazemos a problematização da temática, referindo-nos aos comentários sobre a perícope em estudo e levantando a questão do significado do gesto de Lava-pés: exemplo moral ou lição cristo-soteriológica? A seguir, fazemos a análise exegética do texto bíblico, como fundamento para as reflexões teológicas subsequentes. Em relação ao caráter cristo-soteriológico do Lava-pés, destacamos as características do amor, por nós qualificado como “amor agápico”, revelado por Jesus Cristo ao lavar os pés dos discípulos. Finalmente, partindo da exortação feita pelo Mestre e Senhor, ao finalizar o gesto parabólico, apontaremos como os cristãos tornam-se os novos atores do Lava-pés, sendo manifestação do amor agápico de Jesus em suas relações fraternas, no exercício da liderança comunitária e na contribuição para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVES: Lava-pés. Amor agápico. Doação de si. Discipulado.

ABSTRACT

This dissertation intends to present two approaches to the Footwashing (Jn 13:1-10a.12-15): as a parable of the agape love of Christ and as a pathway to christian discipleship. We begin by presenting the problematic in this theme, addressing the commentaries on this pericope and questioning the meaning of the gesture of the Footwashing: is it a moral example or christo-soteriological lesson? Afterwards, we make an exegetical analysis of the biblical text as a foundation for the subsequent theological reflections. Regarding the christo-soteriological character of the Footwashing, we highlight those characteristics of the love – which we qualify as “agape love” – revealed by Jesus Christ, as he washed his disciples’ feet. Lastly, considering the Master and Lord’s exhortation at the end of the parabolical gesture, we will show how christians become new actors of the Footwashing by manifesting Christ’s agape love in their fraternal relations, communitarian leadership, and in their contributions to social transformation.

KEY WORDS: Footwashing. Agape Love. Self-Giving. Discipleship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ESTADO DA QUESTÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	10
1.1 Nossa busca	10
1.2 Exemplo moral ou lição cristo-soteriológica?	11
1.3 Texto unitário ou compósito?	14
2 EXEGESE DA PERÍCOPE DO LAVA-PÉS.....	17
2.1 Contextualização.....	17
2.2 Delimitação do texto	19
2.3 O texto.....	20
2.3.1 Texto e tradução	20
2.3.2 Observações à tradução	22
2.4 Crítica textual	22
2.5 Crítica literária	23
2.5.1 Paralelismos na sequência narrativa	23
2.5.2 Repetição das palavras.....	25
2.6 Análise exegética sincrônica	25
2.6.1 Introdução ao Livro da Glória (Jo 13,1).....	26
2.6.2 Introdução ao Lava-pés no contexto da refeição à mesa (Jo 13,2-3)	28
2.6.3 A narrativa do gesto do Lava-pés (Jo 13,4-5)	29
2.6.4 O diálogo de Jesus com Pedro (Jo 13,6-10a)	31
2.6.5 A interpretação do gesto por Jesus (Jo 13,12-15)	32
2.7 Observações diacrônicas	33
2.7.1 Aspectos especificamente joaninos.....	33
2.7.2 Unidade literária.....	34
2.7.3 Análise da tradição da redação	35
2.7.4 Gênero e forma literária	36
2.8 Semântica	37
3 SIGNIFICADO CRISTO-SOTERIOLÓGICO DO GESTO DO LAVA-PÉS	40
3.1 Quem realiza o gesto do Lava-pés.....	40

3.2 Parábola do amor agárico	41
3.2.1 O que é uma parábola?	41
3.2.2 Qualidade do amor revelado por Jesus Cristo.....	43
3.3 Dimensão soteriológica do amor de Jesus na comunidade	48
3.3.1 Jesus assume a doação de si mesmo e entrega seu corpo	49
3.3.2 Amor de irmãos e amigos, não de servos ou estranhos	51
3.4 Jesus funda a comunidade de discípulos no amor	52
3.4.1 Amor condensado (Jo 13,1)	52
3.4.2 Amor de Jesus consciente da própria identidade (Jo 13,2-3)	53
3.4.3 Amor que serve aos seus (Jo 13,4-5)	54
3.4.4 Amor que lava, dialoga e introduz na comunhão (Jo 13,6-10a)	54
3.4.5 Amor que exorta a seguir seu exemplo (Jo 13,12-15).....	55
4 O CAMINHO DO DISCIPULADO CRISTÃO PAUTADO PELO LAVA-PÉS	57
4.1 Os discípulos: novos atores do Lava-pés	58
4.1.1 No seguimento de Jesus	59
4.1.2 Os cristãos são reconhecidos pela prática do amor	60
4.1.3 Instruir e exortar para multiplicar o amor	61
4.2 Qualidade do amor a ser praticado no caminho do discipulado ainda hoje.....	63
4.2.1 Doação dos discípulos na comunidade.....	63
4.2.2 Amor que supre o que falta na comunidade	64
4.2.3 Os discípulos como amigos e irmãos: relações de gratuidade	65
4.2.4 Amor oblativo: oferecer a vida unidos a Jesus	66
4.3 Práxis pastoral à luz do amor agárico.....	68
4.3.1 As relações fraternas	69
4.3.2 O serviço da autoridade	72
4.3.3 Inspiração para a transformação social	75
4.4 Jesus e os discípulos realizam o Lava-pés	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentaremos o gesto do Lava-pés como parábola¹ do amor agápico² de Jesus e como manifestação do dom de Deus através de seu Filho o que se torna ponto de partida para que o discípulo de Cristo viva o caminho da vida como seguimento d’Ele. Para tanto, faremos uma análise exegética da narrativa do Lava-pés no evangelho segundo João (Jo 13,1-10a.12-15), que fundamentará nossa abordagem hermenêutico-pastoral.

Nosso objetivo geral consiste em apresentar duas perspectivas possíveis para interpretar o gesto simbólico e profético de Jesus, partindo do comentário de alguns autores³, que propõem diferentes chaves hermenêuticas para abordar o relato do Lava-pés (capítulo 1), e da análise exegético-teológica da perícope (capítulo 2).

A primeira perspectiva refere-se ao caráter cristo-soteriológico do gesto do Lava-pés (capítulo 3). Abordaremos o que Jesus quis revelar com tal ação, demonstrando não se tratar apenas de uma instrução moral ou somente de um exemplo de serviço, mas da manifestação do amor agápico de Deus, ofertado na entrega da vida de Cristo, como parábola pedagogicamente destinada aos “seus” (discípulos e discípulas). Esse amor funda a comunidade e torna-se exemplo a ser seguido pelo cristão, que deve ter seu olhar em Jesus, em sua vida, aproximando-se d’Ele e procurando compreender quem Ele é e o que fez, para traduzir seus gestos na vivência cristã do presente.

¹ Evidentemente, sabemos que, em João, não há parábolas propriamente ditas como gênero literário. Usamos o termo “parábola” no sentido de gesto simbólico, recorrendo ao significado literal grego, que é bastante amplo (*παραβολή*: parábola, comparação, símbolo, sentença. Cf. *παραβολή*. In: BÖLTING, Rudolf. *Dicionário Grego-Português*. São Paulo. [s.n.]: 1953, p. 444).

² Amor e ágape são certamente sinônimos, sendo o primeiro a tradução em português de *ἀγαπη*, “vocáculo grego mais comum para traduzir `aheb hebraico. É um amor que nasce da admiração. Caracteriza-se pela dimensão ativa no sentido de escolher, decidir e optar a partir da liberdade e discernimento. E não pela simples atração afetivo-sentimental-emocional, porém não a exclui. Expressa a doação desinteressada e gratuita” (MACHADO, Renato da Silva. O amor/ágape e o serviço/diaconia, nos escritos joaninos. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 98, jul./dez. 2011). “A significação mais frequente de *ἀγαπη* e *ἄγαπᾶν* é, também nos escritos neotestamentários, a de *amor de Deus* aos homens. É certo [porém] que nem sempre se pode distinguir claramente [...] se se fala do amor de Deus ou de amor a Deus” (WARNACH, A. Amor. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1988. v. 1, p. 47-48). Nesse sentido, entendemos “amor agápico” como o amor característico de Deus que se revela plenamente em Jesus Cristo, manifestando a qualidade do amor divino.

³ No que se refere as referências bibliográficas originalmente lidas em línguas estrangeiras, optamos por apresentar a tradução livre no corpo do texto e o original em inglês, italiano e francês nas notas de pé de página. Para os textos em espanhol, apresentamos apenas a nossa tradução.

Por isso, o Lava-pés pauta o caminho de vida no discipulado cristão, sendo essa a segunda perspectiva que indicamos para a cena bíblica em estudo (capítulo 4). Assim, proporemos os discípulos de Jesus como novos atores do gesto do Lava-pés, em resposta ao imperativo que o Mestre e Senhor⁴ lhes dirigiu depois de lhes lavar os pés. Finalmente, indicaremos como o amor agápico vivido pelos cristãos, segundo o exemplo recebido, ilumina a práxis pastoral e contribui para a transformação social.

⁴ Ao longo da dissertação, Mestre, Senhor, Cristo e Filho referem-se, indistintamente, a Jesus.

1 ESTADO DA QUESTÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

1.1 Nossa busca

A cena bíblica do Lava-pés é bastante conhecida, comentada e estudada. Porém, consideramos que ainda cabem novas abordagens diante da riqueza inesgotável que esse texto bíblico representa para a teologia e para a vivência da fé cristã. O texto joanino que fundamenta nosso estudo é proclamado dentro da liturgia da Semana Santa, mais precisamente na Quintafeira. O Lava-pés ocupa um lugar privilegiado dentro da tradição cristã e revela não apenas o exemplo do gesto de bondade caritativa que Jesus Cristo destina aos seus, aspecto mais comumente ressaltado, mas também é revelação da forma como Jesus doa sua vida e introduz os seus para “ter parte com ele”¹ (cf. Jo 13,8).

Trata-se de um texto bíblico que expressa de forma viva o amor de Deus manifestado em Cristo e que se constitui como uma proposta de vida para o discipulado. O gesto do Lava-pés é caminho escolhido pelo “Mestre e Senhor”, que deve ser compreendido para ser seguido. À luz da passagem em estudo, perguntamo-nos: A atitude de Jesus é iluminadora para quem quer optar por viver a liderança nas comunidades cristãs? O que acontece no Lava-pés tem força de incidir na transformação das relações dentro das comunidades? Será que o gesto do Lava-pés pode modificar a mentalidade do cristão na hora de agir, em qualquer esfera no mundo?

Inicialmente, o gesto do Lava-pés não é entendido pelos discípulos. O próprio Jesus diz que compreenderiam mais tarde (cf. Jo 13,7). É preciso, portanto, entrar em uma nova compreensão, a partir da qual o cristão pode perceber no gesto um processo vital a ser reproduzido. Pretendemos, com o presente trabalho, apresentar elementos que favoreçam essa nova compreensão, centrando-nos na manifestação do amor agápico de Deus, que se revela no gesto parabólico realizado por Jesus Cristo.

A escolha dessa chave de leitura da perícope nos conduz a algumas opções referentes a esta pesquisa. Nela não abordaremos o tema da traição de Judas. Por isso, excluímos os vv. 10b-11 da análise. Consideramos que esse seria outro tema que mereceria aproximação e aprofundamento em particular e que não coincide com nossa proposta, embora, em nível literário-narrativo, exerça o papel de contraste. Além disso, “muitos comentaristas têm sugerido que os vv. 10b-11 são redacionais e que, diferentemente dos vv. 2-10a, não formam parte do

¹ Para as citações de textos bíblicos, usamos a Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002). A partir do capítulo 2, passamos a utilizar nossa tradução da períope do Lava-pés (cf. seção 2.3.1 desta dissertação, p. 21).

relato original”². Também os vv. 16-20 não serão objeto de nosso estudo, para manter a atenção na originalidade do texto joanino da cena do Lava-pés. Como afirma Schnackenburg, “ao v. 15 segue um apêndice, os vv. 16 e 20 procedem de Mt e rompem o contexto. Os vv. 17-19 estão na mesma linha dos vv. 10-11”³.

1.2 Exemplo moral ou lição cristo-soteriológica?

O texto do Lava-pés já foi tratado por muitos exegetas e teólogos ao longo da história. Vários problemas são levantados a respeito da crítica textual, seu processo redacional, a unidade ou não da sua redação, entre outros. Também encontramos diferentes chaves hermenêuticas, tais como simbólica, sacramental, moralizante, gesto profético ou rito batismal. Apresentaremos a seguir a perspectiva de alguns autores sobre a perícope em estudo, destacando elementos relevantes para esta dissertação.

Em primeiro lugar, vejamos como descrevem a cena do Lava-pés e como a situam no conjunto da obra de João. Segundo Konings, baseado em certo consenso dos grandes comentadores, os capítulos 13-17 constituem o “adeus” de Jesus, no qual se distinguem dois momentos. No primeiro, “a abertura do relato da despedida (13,1) é seguida pelo gesto profético do lava-pés, culminando no anúncio da traição (13,2-30)”⁴. No segundo momento do “adeus”, “seguem-se, sem novo cenário, os diálogos da despedida de Jesus (13,31–14,31; 15,1–16,31) e a oração de Jesus ao Pai (17,1-26)”⁵.

Bergant e Karris, referindo-se aos discursos de despedida (Jo 13,1–17,26), assinalam: “Estes cinco capítulos diferem nitidamente da apresentação anterior dos sinais ministeriais de Jesus para uma insistência na vida do cristão real e realizada em Jesus. A ênfase não está no futuro, mas no presente”⁶.

Dodd⁷ acrescenta que o trecho de João 13,1-30 corresponde à narração sinóptica da Última Ceia. Segundo Beutler, encontramos, no Quarto Evangelho, “o lado interior da

² BROWN, Raymond E. *El evangelio según Juan*: XII-XXI. 2.ed. Madrid: Cristiandad, 2000. v. 2, p. 877.

³ SCHNACKENBURG, Rudolf. *El evangelio segundo San Juan*: Versión y comentario. Barcelona: Herder, 1980. v. 3, p. 32.

⁴ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*: Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005. p. 252.

⁵ *Ibid.*

⁶ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999. v. 3, p. 127.

⁷ DODD, Charles Harold. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003. p. 507.

Eucaristia”⁸. Aí observamos como Cristo entrou na sua paixão com serviço, amor e prontidão, doando seu próprio ser⁹. Já Loisy havia observado que “o significado próprio do Lava-pés é o da Eucaristia, da vida sacrificada por amor, da caridade que serve até a morte”¹⁰.

François Nault¹¹ apresenta o sentido da Eucaristia e do pão partilhado no serviço ao outro e não somente como um procedimento sagrado. Nas palavras da instituição da Eucaristia, “ação de graças” e “nova aliança”, Jesus pronuncia “este é o meu corpo”. No Lava-pés, Jesus mostra o corpo, despoja-se das vestes (depõe) e, na desnudez e sem roupagens, lava os pés e os acaricia. Tirando todo tipo de roupagens ou privilégios, coloca-se “à nossa frente, e de tal modo que a densidade do corpo é palpável e se impõe espontaneamente aos sentidos”.

Beutler assinala ainda que “este relato tem em comum com os relatos da Paixão, nos sinópticos, o fato de descrever um jantar de despedida de Jesus com seus discípulos imediatamente antes da Páscoa. Em João, porém, não há indícios de que se trate de uma ceia pascal”¹². Para esse autor, “a atitude com que Jesus entra nesta hora é a do amor até o extremo, até o fim. O verbo ‘amar’, que já foi usado como particípio, é retomado como verbo pessoal no fim: isso lhe dá um peso particular”¹³.

Na abordagem de Léon-Dufour, o gesto do Lava-pés revela a doação total de Jesus para a comunidade dos seus discípulos, os seus, com quem partilha os últimos pensamentos nos capítulos 13-17 do evangelho de João¹⁴: “Jesus funda a comunidade dos discípulos no dom de si mesmo”¹⁵. Nessa perspectiva, desejamos abordar, na dissertação, a profundidade da ação de Jesus. Ele não realiza um ato superficial ou fora de sua pessoa, mas, no ato, revela a sua identidade e a entrega de si mesmo.

Brown¹⁶ destaca a atitude de humildade de Jesus na cena: “Os vv. 14-17 afirmam explicitamente que Jesus, ao lavar os pés aos seus discípulos, deu-lhes exemplo de humildade abnegada que devia ser imitado por eles”. Apresenta também a interpretação que diversos autores fazem da perícope. Recolhe a interpretação de Orígenes, que relacionava o Lava-pés

⁸ BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*: Comentário. São Paulo: Loyola, 2016. p. 328.

⁹ Cf. *Ibid.*, p. 328.

¹⁰ “Il significato proprio della lavanda dei piedi è quello dell'eucaristia, della vita sacrificata per amore, della carità che servo fino alla morte”. (LOISY, A. *apud* CANCIAN, Domenico. *Nuovo Comandamento Nuova Alleanza Eucaristia*: Nell'interpretazione del capitolo 13 del Vangelo di Giovanni. Collevalenza: Edizione L'Amore Misericordioso, 1978. p. 23, nota de rodapé 24).

¹¹ Cf. NAULT, François. *O lava-pés um não sacramento*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 14-15.

¹² BEUTLER, 2016, p. 322.

¹³ *Ibid.*, p. 323.

¹⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João III*: Capítulos 13-17. São Paulo: Loyola, 1996. p. 13.

¹⁵ *Ibid.*, p. 42.

¹⁶ BROWN, 2000, v. 2, p. 863-864.

com a preparação para a pregação do evangelho. Ainda apresenta a interpretação de Bultmann, que “vê nos vv. 6-11 uma ação parabólica que simboliza a purificação dos discípulos em virtude da Palavra de Jesus (15,3)”. Em sentido análogo, pretendemos analisar o gesto de Jesus como parábola de seu amor.

Outros autores, elencados também por Brown¹⁷, realçam a relação entre o Lava-pés e os sacramentos. Goguel e Macgregor observam uma alusão à Eucaristia, já que, em João, o Lava-pés (um ato de amor) substitui a ação de Jesus sobre o pão e o vinho – outra ação que também implica o amor de uns aos outros. Cullmann destaca a referência ao batismo e à eucaristia, retomando a teoria anterior de Loisy e W. Bauer. Segundo Santo Agostinho, a partir do século IV, vários autores viram alusões à penitência no v. 10 (“não necessita lavar-se senão os pés”), entendendo que essa penitência limpa os pecados cometidos depois do batismo.

Também Pier Franco Beatrice apresenta a interpretação penitencial do Lava-pés. Retomando igualmente Agostinho, afirma que “o exemplo de humildade que Jesus deu lavando os pés dos apóstolos na última ceia é radicado em um ato total de auto-humilhação do Filho de Deus que vai do abaixamento da encarnação até a morte de cruz”¹⁸.

Blank, por sua vez, assinala que “o amor se manifesta na humildade de si mesmo, na libertação do próprio eu, no viver e agir para os outros. Amar é ajudar o outro a viver a vida, a liberdade, a personalidade e potencialidade de viver, preparar-lhe o ambiente de vida que ele precisa”¹⁹. Vislumbramos, nesse comentário, o compromisso e a responsabilidade da parte de Jesus em gratuitamente oferecer “aos seus” essa experiência de amor agápico e, ao mesmo tempo, convidá-los a viver o mesmo.

Já Cancian interpreta o Lava-pés e a ceia à luz da Aliança, termo que João não usa, mas parece ter presente em sua percepção da obra de Jesus:

[...] mesmo que concordemos com a ausência evidente da palavra *diathēkē* e citações explícitas sobre a Nova Aliança, os autores citados²⁰ redescobriram nos escritos joaninos a função importante de dois temas típicos para a teologia da Nova Aliança: o aspecto da interioridade da vida cristã e as relações de reciprocidade entre Deus (Jesus) e o cristão²¹.

¹⁷ Cf. BROWN, 2000, v. 2, p. 864.

¹⁸ “Naturalmente, l’esempio d’umiltà che Gesù ha dato lavando i piedi degli apostoli nell’ultima cena è radicato in un atto totale di autoumiliazione del Figlio di Dio che va dall’abbassamento dell’incarnazione fino alla morte di croce.” (BEATRICE, Pier Franco. *La lavanda dei piedi*: Contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane. Roma: Liturgiche-Roma, 1983. p. 146).

¹⁹ BLANK, Josef. *O evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 4, t. 2, p. 45.

²⁰ M. E. Boismard, I. de la Potterie, R. Brown, A. Feuillet, E. Malatesta e A. Serra.

²¹ “Volendo esser sintetici potremmo dire che, pur d’accordo sull’evidente assenza del termine *diathēkē* e di citazioni esplicite sulla NA, gli autori citati hanno riscoperto negli scritti giovannei la funzione

Inspirado por um artigo de Georg Richter²², Konings entende a “imitação de Jesus” como “imperativo” que está baseado num “indicativo”²³, isto é, “o que devemos fazer está fundado sobre algo que nos foi dado, algo que é anterior à nossa obrigação. Antes da obrigação moral vem o dom de Deus em Jesus. Assim como o ‘Servo’ (cf. Fl 2,6-11; cf. Is 53), Jesus torna-se escravo ao dar a própria vida”²⁴.

Sob outro ângulo, Klaus Wengst²⁵ aponta que o “evangelista apresenta Jesus como o dono do seu destino”. As circunstâncias não obrigaram Jesus a agir assim. “O evangelista quer expressar [...] que os acontecimentos históricos que se produzem aparentemente ao azar em torno a Jesus, são acontecimentos nos quais o mesmo Deus atua”.

1.3 Texto unitário ou compósito?

Em relação à análise textual e seu processo redacional, Beutler assinala haver discussão se o texto é ou não unitário²⁶. Não assume as hipóteses de reordenação, mas afirma que o modelo por ele citado “vê a presença de diversos textos ligados entre si no sentido de que um texto anterior conduz a um texto ulterior, em que o anterior é ‘lido de novo’”²⁷.

Numa perspectiva similar, Schnackenburg afirma:

[...] Jo 13,1-30 contém tantas dificuldades e tensões que não se pode eludir uma crítica literária. Não faltam certamente exegetas que, sem ter em conta todos os dados, querem explicar toda a seção como obra de uma única mão (a do evangelista); porém, se se admite a longa história da formação do Evangelho, que se impõe através de múltiplas observações [...], não se pretenderá carregar sobre as costas do evangelista as difíceis passagens textuais, as transições injustificadas, as tensões ideológicas, etc.²⁸

De forma especial, Schnackenburg destaca algumas dificuldades:

importante do due temi tipici per la teologia della NA: l’aspetto dell’interiorità della vita cristiana e le relazioni di reciprocità fra Dio (Gesù) e il cristiano”. (CANCIAN, 1978, p. 20).

²² RICHTER, G. Die Fusswaschung Joh 13,1-20. *Münchener Theologische Zeitschrift*, t. 16, p. 13-26, 1965.

²³ Cf. KONINGS, 2005, p. 255.

²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 260.

²⁵ WENGST, Klaus. *Interpretación del evangelio de Juan*. Salamanca: Sígueme, 1988. p. 113-115.

²⁶ Cf. BEUTLER, 2016, p. 319.

²⁷ *Ibid.*, p. 320.

²⁸ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 30.

a) Os vv. 1-3 apresentam uma linguagem tão sobrecarregada como não costuma aparecer em João. [...] A longa frase de 13,2-4, formada por construções participiais, é a única no quarto Evangelho; b) As duas interpretações do lava-pés, nos vv. 6-10 e vv. 12-17, não só surpreendem por estarem justapostas, mas também porque são difíceis de entender. A primeira tem maior profundidade teológica e entende o lava-pés como uma ação simbólica que aponta para a morte de Jesus; a segunda é de índole puramente paradigmática ou moralizante e se detém no serviço de Jesus que é o próprio do lava-pés; c) No v. 10, a incerteza da tradição textual (pertence εἰ μὴ τοὺς πόδας ao texto original?) mostra que, desde cedo, a passagem criou dificuldades de interpretação. Além disso, coloca-se a questão de se o v. 10b, com sua mudança em ὑμεῖς, não é uma ampliação da voz καθαρὸς²⁹.

Schnackenburg acrescenta também que “a antiga crítica literária, que se afanava na busca de um ‘documento base’ (Grundschrift), pôs em destaque as dificuldades do texto, mas não pôde chegar a um acordo sobre a extensão de dito documento”³⁰. O autor apresenta outros investigadores que realizaram a sua análise sobre a hipótese de uma fonte que o evangelista teria utilizado.

Segundo R. Bultmann, a fonte se referia ao lava-pés, agregando ao ato (vv. 4s) a interpretação dos vv. 12-20. A primeira interpretação (vv. 6-10) se deve ao evangelista. Ambas exegeses estão ampliadas com um apêndice ou com observações. Os vv. 10b-11 e 18-19 são redação do evangelista; os vv. 16 e 20 são apêndice à interpretação segunda, e é provável que estivessem já na mesma fonte. Entre as atuais críticas do texto, a de R. Fortna resulta bastante imprecisa. A fonte que ele supõe (*Zeichen-Evangelium*, o “Evangelho dos sinais”) só pode ser reconhecida neste capítulo com dificuldade; haveria elementos da mesma em vv. 2a.4-5.12-14.18b.21b.26-27³¹.

Para Brown³², “o v. 1 é uma introdução ao Livro da Glória; os vv. 2-11 são uma unidade consistente numa introdução, o relato do lava-pés e a interpretação”. Dessa forma, o Lava-pés nos é apresentado como uma ação profética que simboliza a morte de Jesus na humilhação para salvar os outros (aproximando-se do texto, percebe-se também um simbolismo batismal secundário). Os vv. 2-10a apareceriam em uma primeira redação do evangelho; os vv. 10b-11 podem ser uma adição que se corresponde com os vv. 18-19, introduzida quando se acrescentaram os vv. 12-20.

Outros exegetas afirmam, por sua vez, haver uma convergência de duas tradições distintas: “M. E. Boismard acredita que estão combinadas duas exposições independentes na

²⁹ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 30.

³⁰ *Ibid.*, p. 31-32.

³¹ *Ibid.*, p. 32.

³² BROWN, 2000, v. 2, p. 869.

sua origem, uma ‘moralizante’ e a outra ‘sacramental’. Ao relato moralizante (na sua opinião mais antigo) pertencem os vv. 1-2.4-5.12-15.17.18.19, e ao sacramental, os vv. 3.4-5.6-10(11). 21-30³³.

Em contraposição, Brown critica a teoria de Boismard como excessivamente sistemática, mantendo, porém, a duplicidade de interpretações: a primeira dos vv. 2-11 como símbolo da morte de Jesus, com referência secundária ao batismo; a segunda dos vv. 12-20 como exemplo de humildade e serviço³⁴.

Percebemos, portanto, não haver consenso entre os principais autores se o texto que fundamenta nosso estudo é unitário ou compósito. Assumiremos a perícope como a encontramos na redação final do Quarto Evangelho³⁵. Tendo presentes as análises expostas, pretendemos formular uma interpretação própria do Lava-pés. Antes, no entanto, importa estabelecer uma tradução do texto com a qual trabalharemos e faremos uma exegese.

³³ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 32.

³⁴ Cf. BROWN, 2000, v. 2, p. 866.

³⁵ Apesar disso, os vv. 10b-11 estão excluídos de nossa análise, como já indicamos acima (pág. 9 e 10).

2 EXEGESE DA PERÍCOPE DO LAVA-PÉS

2.1 Contextualização

Tendo-nos referido ao que alguns autores explicitam sobre a perícope em estudo, iniciaremos a sua exegese¹, identificando, primeiramente, o lugar que ela ocupa no Evangelho de João. Para isso, apresentamos a estrutura do Quarto Evangelho observada por Konings: os capítulos 1-12 descrevem “a vinda de Deus ao mundo, enquanto os capítulos 13-20 refletem sobre a volta ao Pai. [...] O cap. 21, um epílogo redatorial [...]”². A cena do Lava-pés corresponde ao início da segunda parte do Quarto Evangelho. “Os estudiosos costumam chamar esta segunda parte ‘o Livro da Glória’ por causa do tema da manifestação da glória do Pai em Jesus”³.

Os capítulos 13-17 constituem a volta de Jesus ao Pai e pode ser dividido em dois momentos. O primeiro é composto pela abertura do relato da despedida (13,1), “seguida pelo gesto profético do lava-pés, culminando no anúncio da traição (13,2-30)”⁴. Depois “seguem-se, sem novo cenário, os diálogos da despedida de Jesus (13,31–14,31; 15,1–16,31) e a oração de Jesus ao Pai (17,1-26)”⁵.

O início do “Livro da Glória” (Jo 13,1) poderia ser comparado, em certo sentido, ao Prólogo (Jo 1,1-18). Ambos são colocados no contexto da revelação de Deus no mistério da Encarnação, sendo um aberto para todos através dos sinais e o outro destinado aos “seus”. Brown reconhece que Jo 13,1 “compartilha com o prólogo deste evangelho o tema dos ‘seus’, e do mesmo modo que o prólogo é a introdução a todo o evangelho e ao Livro dos Sinais em particular, o redator pode introduzir este versículo para recordar o Prólogo e para apresentar o Livro da Glória”⁶.

Para Léon-Dufour, o “Segundo Livro” mostra uma maior proximidade em relação à tradição sinóptica⁷. Já Zevini afirma que o conjunto dos “capítulos 13-17 constituem uma profunda e contemplativa participação teológica nos acontecimentos finais de Jesus”⁸. O

¹ Seguimos, em grande parte, os manuais: WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7.ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012; EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Loyola, 1994.

² KONINGS, 2005, p. 250.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*, p. 252.

⁵ *Ibid.*

⁶ BROWN, 2000, v. 2, p. 867.

⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, 1996, p. 11.

⁸ ZEVINI, Giorgio. *Evangelio según San Juan*. Salamanca: Sígueme, 1995. p. 332.

mesmo autor destaca que o versículo 1, “pórtico de entrada à contemplação simultânea da derrota humana e da vitória gloriosa de Jesus, introduz, ademais, o leitor no gesto simples e humilde de Jesus que se põe a lavar os pés de seus discípulos”⁹. Percebemos, assim, “a hora em que o humano se liga a Deus para plenitude de vida e para estar sempre no amor”¹⁰.

Embora possamos afirmar que o Lava-pés é um gesto situado nos últimos dias de Jesus no mundo, o problema da cronologia desse momento da vida de Jesus separa os exegetas. Enquanto os sinópticos situam a Ceia de Jesus com seus discípulos no dia 15 nisan, o Quarto Evangelho situa a ceia – que inclui o gesto do Lava-pés – no dia 14 nisan. Por isso, para João, essa refeição não corresponde à ceia pascal judaica, como provavelmente querem indicar os evangelhos sinópticos¹¹. Assim, o autor do Quarto Evangelho se afasta do contexto cronológico que os sinópticos apresentam. “João vem estruturando até este momento seu relato mediante referências à Páscoa próxima, em 11,55 e principalmente em 12,1. [...] A tarde dessa ceia e o dia seguinte, no qual Jesus morrerá constituem a véspera da Páscoa”¹².

“Antes da festa da Páscoa”, Jesus antecipa a sua Páscoa existencial, isto é, a sua passagem da vida para a morte, vivendo com profundidade o passar desta vida para o Pai. Nesse sentido, Konings assinala: “João pode até estar conservando informação histórica mais exata que Mc, mas ele tinha também razões teológicas para não apresentar a ceia de Jesus como a ceia pascal judaica, celebrada na noite que iniciava o dia 15 de nisan”¹³. O evangelista parecia ter o intuito de evitar que a Páscoa de Jesus fosse diretamente associada à Páscoa dos judeus. Também Konings menciona que “é difícil resolver a questão histórica, mas é certo que tanto a cronologia sinóptica quanto a joanina sofreram influências da liturgia”¹⁴.

Quanto à data e à natureza da última ceia, encontramos ainda o comentário de Brown: “Segundo os sinópticos (Mc 14,12 e par.), Jesus tomou uma comida *pascal* com seus discípulos antes da sua morte [...]. A legislação do A.T. (Lv 23,5) prescrevia comer a ceia pascal na tarde com que finalizava o 14 e começava o 15 de Nisan”¹⁵. Já “João nos apresenta um quadro distinto. A Última Ceia se situa num tempo *anterior* à *Páscoa*”¹⁶.

⁹ ZEVINI, 1995, p. 337.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Cf. KONINGS, 2005, p. 251.

¹² BROWN, 2000, v. 2, p. 851-852.

¹³ KONINGS, 2005, p. 251.

¹⁴ *Ibid.*, p. 252.

¹⁵ BROWN, 2000, v. 2, p. 859.

¹⁶ *Ibid.*

Em relação aos personagens em cena, estão Jesus e os “seus que estavam no mundo”, destacando-se Pedro e Judas. Jesus é o personagem principal que revela o amor agápico do Pai. Judas, em cujo coração o diabo já tinha colocado a intenção de entregar o Mestre, fica no segundo plano. Diante do gesto de Jesus, Simão Pedro apresenta suas resistências, mas se abre ao diálogo, o que lhe possibilita acolher o amor ofertado, caminhando assim para uma nova compreensão do agir do Senhor.

2.2 Delimitação do texto

Após situar a cena do Lava-pés no conjunto do Quarto Evangelho, passaremos à delimitação do texto. No capítulo que antecede a perícope em análise, encontramos: a unção de Betânia (12,1-11); a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (12,12-19); Jesus anuncia sua glorificação através da morte (12,20-36); e, finalmente, como conclusão do Livro dos Sinais, a incredulidade dos judeus (12,37-50).

De la Potterie considera os capítulos 11 e 12 como “a preparação e a prefiguração da hora de Jesus. E então começa a segunda parte (caps. 13-20), que tem como tema dominante o cume da revelação na hora de Jesus”¹⁷. Na perspectiva da prefiguração, destacamos, dentre os antecedentes da períope, o gesto de Maria de Betânia que unge os pés de Jesus:

Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então Maria, tomando uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo (Jo 12,1-3).

Maria aparece como a mulher que unge Jesus. Na tradição sinóptica, não se diz o nome dessa mulher. Além de atribuir a ela um nome, no Evangelho de João, afirma-se que a mulher unge os pés e não a cabeça, como narram Marcos e Mateus, o que altera o sentido da unção. Nesse último caso, é a unção do rei-messias; no primeiro caso (em João), é a unção que prepara o sepultamento, segundo o costume judaico. “O perfume é atributo sepulcral antecipado, aroma de vida perante a corrupção; é símbolo da unidade fraterna (Sl 133), símbolo de amor (Ct

¹⁷ “[...] la preparazione e la prefigurazione dell’ora di Gesù (cc 11-12). E quindi inizia la seconda parte (cc 13-20) che ha per tema dominante il culmine della rivelazione nell’ora di Gesù”. (DE LA POTTERIE *apud* CANCIAN, 1978, p. 37).

1,3,12-13; 4,14). O perfume difunde e dilata seu odor: frasco, corpo, casa (e mais além)”¹⁸. A partir da ação de Maria, “Jesus reconhece nela [na unção] um valor profético, revelando que aquela mulher atua ‘em vista do seu sepultamento’”¹⁹. Assim, ela prepara Jesus para a “sua hora”.

Desde a cena de Betânia (12,1), esta última Páscoa não se chama já a Páscoa dos Judeus, porque agora é a Páscoa de Jesus, o Cordeiro de Deus que vai libertar a humanidade do seu pecado. Esta vai ser a Páscoa da libertação do homem: vai lhe permitir o êxodo da treva à luz (8,12, cf. 4,34), vai inaugurar a vida e a festa (7,37); será o último dia (cf. 6,39; 6,40; 7,37), em que tudo será consumado²⁰.

Quanto ao que se refere ao texto posterior à perícope que norteia esta dissertação, encontramos os vv. 16-20, que “se consideram redacionais”²¹ ou constituem um elo entre o gesto do Lava-pés e o episódio da indicação do traidor (vv. 21-30). O v. 16 é “variante joanina do dito de Mt 10,24; Lc 6,40. Da cristologia do evangelho, retoma o tema daquele que envia e daquele que é enviado. [...] Para sublinhar a seriedade da exortação [no v. 17], é adicionado um macarismo”²². A seguir (13,21-30), Jesus anuncia que um discípulo vai entregá-lo, o que já havia sido referido como prolepse pelo narrador em 13,2, e Judas sai de cena. Depois encontra-se a transição para os discursos de despedida (13,31-38).

2.3 O texto

2.3.1 Texto e tradução

Continuando com a nossa pesquisa, apresentamos a segmentação do texto grego²³ e da tradução²⁴ de João 13,1-15:

¹⁸ Cf. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 2589, nota a Jo 12,1-8.

¹⁹ TUNC, Suzanne. *También las mujeres seguían a Jesús*. Bilbao: Sal Terrae, 1999. p. 31.

²⁰ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El evangelio de Juan: Análisis lingüístico y comentário exegético*. Madrid: Cristiandad, 1979. p. 588.

²¹ BROWN, 2000, v. 2, p. 866.

²² “[...] variante giovanna del detto di Mt 10,24; Lc 6,40. Dalla cristologia del vangelo, riprende il tema di colui che invia e di colui che è inviato. [...] A sottolineare la serietà dell'esortazione, viene aggiunto un macarismo” (PERKINS, Pheme. Il vangelo secondo Giovanni In: BROWN, Raymond E. (Ed.). *Nuovo Grande Commentario Biblico*. Brescia: Queriniana, 1997. p. 1275).

²³ Cf. VAN BELLE, Gilbert. *Les parenthèses dans l'Évangile de Jean*. Leuven: University Press, 1985. p. 296-298.

²⁴ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*: Tradução. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2007. Apostila digitalizada. p. 16.

<p>13,1 Πρὸ δὲ τῆς ἑορτῆς τοῦ πάσχα εἰδὼς ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἥλθεν αὐτοῦ ἡ ὥρα ἵνα μεταβῇ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου πρὸς τὸν πατέρα, ἀγαπήσας τοὺς ιδίους τοὺς ἐν τῷ κόσμῳ, εἰς τέλος ἥγαπτησεν αὐτούς. 2 καὶ δεῖπνου γενομένου, (τοῦ διαβόλου ἥδη βεβληκότος εἰς τὴν καρδίαν ἴνα παραδῷ, αὐτὸν Ἰούδα Σίμωνος Ἰσκαριώτου.) 3 εἰδὼς ὁ Ἰησοῦς ὅτι πάντα ἔδωκεν αὐτῷ ὁ πατὴρ εἰς τὰς χεῖρας καὶ ὅτι ἀπὸ θεοῦ ἔξηλθεν καὶ πρὸς τὸν θεόν ὑπάγει, 4 ἐγείρεται ἐκ τοῦ δεῖπνου, καὶ τίθησιν τὰ ἴματα, καὶ λαβὼν λέντιον διέζωσεν ἑαυτόν· 5 εἶτα βάλλει ὕδωρ εἰς τὸν νιπτῆρα καὶ ἤρξατο νίπτειν τοὺς πόδας τῶν μαθητῶν, καὶ ἐκμάσσειν τῷ λεντίῳ ὅ ἦν διεζωσμένος.</p> <p>6 ἔρχεται οὖν πρὸς Σίμωνα Πέτρον. λέγει αὐτῷ, κύριε, σύ μου νίπτεις τοὺς πόδας; 7 ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῷ, ‘Ο ἐγὼ ποιῶ, σύ οὐκ οἶδας ἄρτι, γνώσῃ δὲ μετὰ ταῦτα.</p> <p>8 λέγει αὐτῷ Πέτρος, Οὐ μὴ νίψῃς τοὺς πόδας μου εἰς τὸν αἰῶνα. ἀπεκρίθη Ἰησοῦς αὐτῷ, ‘Εάν μὴ νίψω σε, οὐκ ἔχεις μέρος μετ’ ἐμοῦ.</p> <p>9 λέγει αὐτῷ Σίμων Πέτρος, κύριε, μὴ τοὺς πόδας μου μόνον, ἀλλὰ καὶ τὰς χεῖρας καὶ τὴν κεφαλήν.</p> <p>10 λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς, ‘Ο λελουμένος οὐκ ἔχει χρείαν (εἰ μὴ τοὺς πόδας) νίψασθαι, ἀλλ᾽ ἔστιν καθαρὸς ὅλος· καὶ ὑμεῖς καθαροί ἔστε. ἀλλ᾽ οὐχὶ πάντες.</p> <p>11 Ἡδει γάρ τὸν παραδιδόντα αὐτὸν· διὰ τοῦτο εἶπεν, Οὐχὶ πάντες καθαροὶ ἔστε.</p> <p>12 Ὁτε οὖν ἐνιψεν τοὺς πόδας αὐτῶν, [καὶ] ἔλαβεν τὰ ἴματα αὐτοῦ, καὶ ἀνέπεσεν πάλιν, εἶπεν αὐτοῖς, γνώσκετε τί πεποίηκα ὑμῖν;</p> <p>13 ὑμεῖς φωνεῖτε με ‘Ο διδάσκαλος, καὶ ‘Ο κύριος, καὶ καλῶς λέγετε, εἰμι γάρ.</p> <p>14 εἰ οὖν ἐγὼ ἐνιψα ὑμῶν τοὺς πόδας οὐ κύριος καὶ οὐ διδάσκαλος, καὶ ὑμεῖς δοφείλετε ἀλλήλων νίπτειν τοὺς πόδας·</p> <p>15 ὑπόδειγμα γάρ ἔδωκα ὑμῖν ἴνα καθὼς ἐγὼ ἐποίησα ὑμῖν καὶ ὑμεῖς ποιῆτε.</p>	<p>13,1 Antes da festa da Páscoa sabendo Jesus que veio a sua hora para que se mude deste mundo para junto do Pai tendo amado os seus, que estavam no mundo, até o fim amou-os.</p> <p>2 E quando veio-a-ser a refeição —o diabo já tendo colocado no coração que entregue-o Judas de Simão Iscariotes— 3 sabendo que tudo lhe dera o Pai nas mãos e que de Deus tinha saído e para junto de Deus estava indo, 4 levanta-se da refeição e depõe as vestes e tendo tomado uma toalha cinge-se com ela.</p> <p>5 Então coloca água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar com a toalha com que estava cingido.</p> <p>6 Vem pois até Simão Pedro. Diz-lhe ele: Senhor, tu me lavas os pés?</p> <p>7 Respondeu Jesus e disse-lhe: O que faço eu, tu não sabes agora, sabê-lo-ás mais tarde.</p> <p>8 Diz-lhe Pedro: Não me laves os pés em eternidade. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.</p> <p>9 Diz-lhe Simão Pedro: Senhor, não só meus pés, mas também as mãos e a cabeça.</p> <p>10 Diz-lhe Jesus: O que foi banhado não precisa —a não ser os pés— lavar-se mas está totalmente puro. E vós estais puros, mas não todos.</p> <p>11 — Pois conhecia o que o entregaria. Por isso, disse: Nem todos estais puros.—</p> <p>12 Quando pois tinha lavado os pés deles, [e] tomou suas vestes e reclinou à mesa de novo. Disse-lhes: Reconheceis o que vos fiz?</p> <p>13 Vós me chamais: o mestre e o senhor. E dizeis certo, pois eu {o} sou.</p> <p>14 Se eu, pois, vos lavei os pés, o senhor e o mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Pois um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também.</p>
--	---

2.3.2 Observações à tradução

Encontramos no v. 1 o verbo μεταβῆ, aoristo, subjuntivo, da terceira pessoa do singular, dentro de uma frase subordinada. O verbo pode ser traduzido como passar ou passagem, entre outras possibilidades. Indica mudança, caminho, ou seja, atravessar, movimentar-se ou percorrer. Optamos pela tradução “se mude”, pois compreendemos o verbo como movimento, deslocamento de Jesus deste mundo para junto do Pai.

Quanto à segmentação, Omanson apresenta um elemento sobre Jo 13,12.

Caso se fizer uma pausa após o πάλιν (outra vez), a exemplo do que ocorre no texto de *O Novo Testamento Grego*, o texto pode ser traduzido assim: “Depois de lavar os pés deles, ele vestiu a sua capa e sentou-se outra vez à mesa. E perguntou: ‘Compreendeis o que vos fiz?’” [...] Caso, porém, se fizer um corte antes de πάλιν, o sentido passa a ser: “Depois que ele tinha lavado os pés deles, vestido a roupa e voltado ao seu lugar, disse-lhes outra vez: ‘Compreendeis o que vos estou fazendo?’”²⁵.

2.4 Crítica textual

A principal questão de crítica textual da perícope em estudo refere-se ao v. 10a. Não se pode afirmar com certeza que “εἰ μὴ τοὺς πόδας” seja original do evangelista²⁶.

A expressão “(se deixar) lavar os pés” não é totalmente segura no texto grego; muitos manuscritos inserem “somente” (μόνον), que falta no texto proferido por Nestle-Aland (28^a ed.) B C* (K) L W Ψ e. o.; o qual, por outro lado, inclui εἰ μὴ τοὺς πόδας νίψασθαι, omitido por uma parte da tradição textual²⁷.

Omanson aponta que existem diversas variantes textuais referentes a Jo 13,10, “οὐκ ἔχει χρείαν εἰ μὴ τοὺς πόδας νίψασθαι”, das quais algumas possuem pouca importância do ponto de vista do significado.

Por exemplo, alguns manuscritos têm a ordem de palavras οὐ χρείαν ἔχει, numa alteração que parece ter sido feita em função de como as palavras soam em conjunto. Outros testemunhos colocam a partícula η em lugar de εἰ μὴ, e

²⁵ OMANSON, Roger. *Variantes Textuais do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 199.

²⁶ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 45.

²⁷ BEUTLER, 2016, p. 324.

alguns, influenciados pelo versículo anterior, inserem a palavra μόνον (somente)²⁸.

Omanson²⁹ assinala ainda que, para o tradutor, há maior importância em decidir se as palavras εἰ μὴ τοὺς πόδας (exceto os pés) fazem parte do texto original ou não. “Tudo indica que sejam parte do original, mas que foram omitidas sem querer ou, até mesmo, de forma intencional, por causa da dificuldade de reconciliá-las com a declaração seguinte, ἀλλ᾽ ἔστιν καθαρὸς ὅλος (mas está inteiramente limpo)”. A omissão de εἰ μὴ τοὺς πόδας produz um texto mais curto, adotado por alguns, “mas a sólida evidência dos manuscritos que registram o texto mais longo favorece a tese de que o texto mais longo é, de fato, original”.

2.5 Crítica literária

2.5.1 Paralelismos na sequência narrativa

A perícope contém um progresso no tempo, como verificamos na sequência narrativa: “antes da festa da Páscoa” (v. 1) e “quando veio-a-ser a refeição” (v. 2).

Também encontramos progresso nos verbos narrativos, destacados nos vv. 4-12:

	v. 4	<i>levanta-se</i> da refeição
		<i>depõe</i> as vestes
		<i>tendo tomado</i> uma toalha
		<i>cinge-se</i>
	v. 5	<i>coloca</i> água
		<i>começou a lavar</i> os pés
		[<i>começou</i>] a enxugar
	v. 6	<i>Vem</i> até Simão Pedro
		<i>Diz</i>
	v. 7	<i>Respondeu</i> ³⁰
	v. 12	<i>Quando</i> pois <i>tinha lavado</i> os pés deles, <i>tomou</i> suas vestes <i>reclinou</i> à mesa de novo

²⁸ OMANSON, 2010, p. 198.

²⁹ Cf. *Ibid.*

³⁰ Dos vv. 6-11, repetem-se os verbos diz (quatro vezes) e respondeu (duas vezes).

Nos vv. 4 e 12, está presente uma dupla *inclusio*, destacada no gráfico acima. A primeira inicia com o verbo “levanta-se” e finaliza com o verbo “reclinou”. A segunda inclusão começa com “depõe as vestes” e fecha com “tomou as vestes”.

Apresentamos ainda uma possível estrutura quiástica dos vv. 4-12a, exposta por Bennema³¹. “Com três ações sucessivas, o lava-pés começa (Jesus se levanta da mesa, tira as suas vestes e lava os pés dos discípulos) e termina em ordem inversa (tendo lavado os pés dos discípulos, ele coloca as suas vestes e retorna à mesa)”³²:

A [v. 4] levanta-se da ceia
B e põe de lado as vestes e tomado toalha cingiu-se a si mesmo.
C [v. 5] então derrama água na bacia e começou a lavar os pés
dos discípulos e enxugar com toalha com a qual estava cingido
D [vv. 6-11] Interação entre Jesus e Pedro
C’ [v. 12a] Quando pois lavou os pés deles
B’ [e] tomou o manto dele
A’ e reclinou-se de novo

Outra *inclusio* pode ser percebida nos vv. 12 e 15 com a repetição da expressão “vos fiz”. Reconhecemos ainda a simetria, nos vv. 13-14, com os substantivos “mestre” e “senhor”, indicada no gráfico abaixo:

(v. 13) Vós me chamais: o mestre e o <u>senhor</u> . <i>E dizeis certo, pois eu {o} sou.</i>	(v. 14) Se eu, pois, vos lavei os pés, o <u>senhor</u> e o mestre , também vós deveis lavar os pés uns dos outros.
--	--

³¹ BENNEMA, Cornelis. Mimesis in John 13: Cloning or Creative Articulation? *Novum Testamentum*, Bridgend, n. 56, p. 264, 2014.

³² “In three successive actions the footwashing starts (Jesus gets up from the table, takes off his outer garment and washes the disciples’ feet) and ends in reverse order (having washed the disciples’ feet, he puts on his outer garment and reclines again at the table)” (BENNEMA, 2014, p. 264).

Jesus é chamado pelos discípulos de mestre e senhor e, no centro da simetria, encontramos a confirmação dessa identidade por ele mesmo.

Finalmente, no v. 7, percebe-se um paralelismo antítetico: além de se contrapor o “não saber” ao “saber”, estabelece-se uma antítese temporal entre “agora” (tempo presente) e “mais tarde” (tempo futuro), como destacamos a seguir:

“tu *não sabes agora,*
sabê-lo-ás mais tarde”

2.5.2 Repetição das palavras

Nos vv. 5-14, o verbo *víptω* ocorre oito vezes, em diferentes modos, no tempo presente e no aoristo:

- v. 5 *víptεiv*: infinitivo, presente, voz ativa;
- v. 6 *víptεις*: indicativo, presente, voz ativa, segunda pessoa, singular;
- v. 8 *víψης*: subjuntivo, aoristo, voz ativa, segunda pessoa, singular; ou imperativo aoristo, voz ativa, segunda pessoa, singular;
- v. 8 *víψω*: subjuntivo, aoristo, voz ativa, primeira pessoa, singular;
- v. 10 *víψασθαι*: infinitivo, aoristo, voz média;
- v. 12 *ἐνίψεν*: indicativo, aoristo, voz ativa, terceira pessoa, singular;
- v. 14 *ἐνίψα*: indicativo, aoristo, voz ativa, primeira pessoa, singular;
- v. 14 *víptεiv*: infinitivo, presente, voz ativa.

Verificamos ainda oito ocorrências da palavra “pés”, situadas nos vv. 5.6.8.9.10.12.14.15, indicando que esse membro do corpo é significativo na perícope.

2.6 Análise exegética sincrônica

Para a análise sincrônica da perícope, optamos por realizar uma divisão em cinco partes, apresentadas sequencialmente nesta seção: o primeiro segmento (Jo 13,1) é a introdução solene ao Livro da Glória; o segundo segmento (Jo 13,2-3), a introdução ao Lava-pés; o terceiro (Jo 13,4-5), a narrativa do gesto do Lava-pés; o quarto segmento apresenta o diálogo de Jesus com Pedro (Jo 13,6-10a); e, finalmente, o quinto segmento (Jo 13,12-15) traz a interpretação do gesto por Jesus.

2.6.1 Introdução ao Livro da Glória (Jo 13,1)

A perícope se inicia com uma expressão solene que põe em destaque um elemento temporal: “antes da festa da páscoa”. “João é o único Evangelho que não dá um relato da Ceia do Senhor no contexto da última refeição de Jesus (13,1-30). João no cap. 6 se refere ao comer a carne de Cristo e ao beber Seu sangue, depois de narrar a multiplicação dos pães para os cinco mil (6,51-58)”³³. Portanto, no evangelho de João, o capítulo 6 é uma releitura litúrgico-teológica da festa da páscoa.

Continuando ainda com o v. 1, passamos à análise da seguinte frase: “sabendo que veio a sua hora para que se mude deste mundo para junto do Pai, tendo amado os seus, que estavam no mundo, até o fim amou-os”. Com essa abertura solene do Livro da Glória, o evangelista condensa elementos não apenas descritivos, mas traz uma perspectiva teológica da realidade da encarnação, apresentando-nos a base da cristologia joanina.

O evangelista descreve Jesus εἰδὼς “com significado presente”³⁴.

João sublinha a consciência que Jesus tem sobre o momento que vive, e, portanto, da sua missão (13,1.3; 18,4; 19,28). Jesus não vai à morte arrastado pelas circunstâncias, ele é quem oferece sua vida. Nos momentos de máxima tensão, João afirmou que não chegou a sua hora (7,30; 8,20); agora já chegou a hora, e Jesus é consciente³⁵.

Por isso, “a consciência da sua ‘hora’ será a que motive a expressão de seu amor até o extremo”³⁶. Brown observa ainda que “hora”, “tema do Livro da Glória, traz consigo a morte de Jesus; com este versículo se afirma claramente que a concepção joanina aproxima Jesus à morte com um ato de amor para os que acreditam nele”³⁷.

O verbo “metalambanein” se usa em 5,24 e em 1Jo 3,14 com o significado de passar da morte para a vida”³⁸. Na preparação dessa passagem, “Jesus vai levar ao cume seu êxodo

³³ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Ceia do Senhor. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 331.

³⁴ HAUBECK, Wilfrid; VON SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Targumim/Hagnos, 2009. p. 624.

³⁵ MATEOS; BARRETO, 1979, p. 588.

³⁶ *Ibid.*

³⁷ BROWN, 2000, v. 2, p. 869.

³⁸ *Ibid.*, p. 852.

pessoal e definitivo, terminando seu caminho ao Pai (13,3). Sua passagem para o Pai será a cruz, onde vai se entregar para doar a vida ao homem”³⁹.

A metáfora espacial, expressa no verbo “passar”, encaixa no pensamento dualista de João. “Este mundo”, como âmbito do “chefe deste mundo” (12,31; 14,30), tem uma obscura ressonância. Porém, o trânsito de Jesus ao Pai significa também, e já agora, o destronar do adversário e a glorificação de Jesus (13,31s)⁴⁰.

Em Jesus, a morte não é o fim, mas uma passagem. “Uma tradição judaica interpretava a palavra ‘Páscoa’ (cf. Ex 12,11ss) no sentido de ‘passagem’, com referência à passagem do mar Vermelho (Ex 14). Cristo (e nós com ele) ‘passará’ deste mundo, escravo do pecado, para o Pai, à Terra Prometida (cf. 1,21+; 11,55+)”⁴¹.

Brown comenta esse aspecto da seguinte maneira: “O mundo tem os seus e os ama (15,19), do mesmo modo que Jesus tem os seus e os ama também. Aqui, porém, o contraste entre o mundo e o Pai não tem o sentido de uma oposição entre o bem e o mal, mas entre o debaixo e o de cima (3,31)”⁴².

Em relação à expressão “tendo amado”, Brown destaca que, no original, trata-se de “um particípio que é um aoristo complexivo, ou seja, que abarca todo o ministério público”⁴³.

Para Schnackenburg, “pelo conteúdo, a ideia do v. 1b é perfeitamente joanina, embora surpreendam algumas peculiaridades: οἱ ἴδιοι se emprega de modo diferente que em 1,11, onde a expressão não está circunscrita aos discípulos de Jesus”⁴⁴. Essa diferença, porém, é meramente contextual. Em 1,11, trata-se do próprio povo de Jesus, em 13,1, dos seus discípulos.

A respeito de quem seriam os discípulos presentes na cena e, portanto, os que são chamados “os seus”, Kitzberg comenta que apenas são nomeados Judas e Simão Pedro. “Todos os outros que são ‘os seus’, que estão presentes na refeição e no lava-pés, são mencionados apenas em forma de sumário (13,1.5.12). [...] Assim, nem o número concreto de discípulos presentes é mencionado, nem é dada nenhuma pista que diga respeito ao seu sexo”⁴⁵. A seguir,

³⁹ MATEOS; BARRETO, 1979, p. 588.

⁴⁰ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 40.

⁴¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1877.

⁴² BROWN, 2000, v. 2, p. 852.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 34.

⁴⁵ “All the others of ‘his own’, who are present at the meal and the footwashing, were mentioned just by way of summary (13,1,5,12). [...] Thus, neither the concrete number of disciples present is mentioned, nor is any hint given with regards to their sex”. (KITZBERG, Ingrid Rosa. Transcending Gender

a autora, considerando o conjunto do Evangelho de João, apresenta elementos que poderiam levar a incluir outros discípulos na cena, concluindo que “os seus” e “os discípulos” pode referir-se a discípulos e discípulas⁴⁶. De modo semelhante, Léon-Dufour ressalta que “os seus” alude a todos os destinatários da revelação⁴⁷.

Segundo Brown, “a expressão *eis telos* tem um duplo significado: ‘total, absolutamente’ e ‘até o fim da vida’, ou seja, até a morte. Em 15,13 se apresenta a morte voluntária como a expressão suprema do amor”⁴⁸. Konings acrescenta ainda outro significado: “até a plenitude”⁴⁹.

No mesmo sentido lemos em Mateos e Barreto:

Em Dt 31,24 se diz: “Quando Moisés terminou de escrever os artigos da Lei até o final...”. À expressão “até o final” corresponde no texto de João “até o extremo”. Jesus vai demonstrar seu amor até o fim e essa será a nova Escritura (19,19) que substitui a Lei; será a plenitude do amor em Jesus e da sua obra no ser humano (19,28 ss)⁵⁰.

Estamos diante de uma expressão única em João, *εἰς τέλος*, que tem a mesma raiz do verbo situado nas palavras finais de Jesus pronunciadas na cruz – “Tudo está consumado (*tetelestai*)” (19,30)⁵¹. “Esta inclusão nos ajuda a entender o lava-pés como uma ação profundamente simbólica que interpreta o sentido da morte de Jesus para os discípulos e para nós”⁵².

2.6.2 Introdução ao Lava-pés no contexto da refeição à mesa (Jo 13,2-3)

Tendo analisado o versículo que introduz solenemente o Livro da Glória, prosseguimos com a análise do segundo segmento da perícope do Lava-pés (Jo 13,2-3): “E quando veio-a-ser a refeição – o diabo já tendo colocado no coração que entregue-o Judas de Simão Iscariotes –

Boundering in John. In: LEVINE, Amy-Jill (Ed.) *A Feminist Companion to John*. London/New York, 2003. v. 1, p. 184).

⁴⁶ Cf. KITZBERG, 2003, p. 184-185.

⁴⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, 1996, p. 16.

⁴⁸ BROWN, 2000, v. 2, p. 852.

⁴⁹ KONINGS, 2005, p. 257.

⁵⁰ MATEOS; BARRETO, 1979, p. 589.

⁵¹ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 34.

⁵² “This *inclusion* helps us to understand the foot washing as a profoundly symbolic action that interprets for the disciples and for us the meaning of Jesus’ death”. (REID, Barbara E. What’s Biblical about... Washing Feet? *Bible Today*, Chicago, v. 49, p. 255, jul/aug 2011).

sabendo que tudo lhe dera o Pai nas mãos e que de Deus tinha saído e para junto de Deus estava indo...”.

Situa-se o contexto da cena, é apresentado o parêntese sobre o que acontece no coração de Judas e, finalmente, no v. 3, destaca-se novamente a consciência de Jesus:

Desde o versículo inicial, João sublinha que Jesus tinha consciência de que tudo o que iria acontecer, tema que se repete no v. 3 e no 18,4; 19,28. Tudo isso concorda com o que dissera Jesus em 10,18: ninguém pode tirar a vida até que ele mesmo decida entregá-la por própria vontade⁵³.

Schnackenburg estabelece um paralelismo entre os vv. 1 e 3:

Aparece a mesma ideia de que Jesus passa deste mundo para o Pai e, respectivamente, que saiu de Deus e a Deus volta; assim como a repetição de εἰδός em ambos versículos. [...] A reincidência de εἰδός do v. 1 e do v. 3 poderia apontar a uma intervenção da redação similar à de εἶδον em 6,22 e εἶδεν de 6,24⁵⁴.

Com o mesmo autor, afirmamos que a frase “colocara em suas mãos” significa “sua soberania sobre todas as coisas inatacável apesar das maquinações dos seus inimigos (cf. 7,30,44; 10,28s) e apesar da vitória aparente do ‘chefe do mundo’ (14,30), justamente porque sua soberania se funda no poder do Pai”⁵⁵.

2.6.3 A narrativa do gesto do Lava-pés (Jo 13,4-5)

A seguir, comentamos o terceiro segmento. O tom sóbrio do relato e algumas outras peculiaridades poderiam apontar uma fonte⁵⁶. Nesse caso, o texto já teria certa tradição antes de ser assumido na atual composição do evangelho.

Com tudo que implica de vivacidade, dois versículos concentram a ação do Lava-pés em uma sequência dinâmica de iniciativa, cuidado, compromisso, atenção personalizada e doação de si. No texto grego, aparecem dez verbos:

1. ἐγείρεται (v. 4): do verbo ἐγείρω, indicativo, presente histórico, voz passiva, terceira pessoa, singular;

⁵³ BROWN, 2000, v. 2, p. 869-870.

⁵⁴ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 34.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 42.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 35.

2. *τίθησιν* (v. 4): do verbo *τίθημι*, em indicativo, presente, voz ativa, terceira pessoa, singular;
3. *λαβὼν* (v. 4): do verbo *λαμβάνω*, particípio, aoristo, nominativo, singular;
4. *διέζωσεν* (v. 4): do verbo *δια-σώννυμι*, indicativo, aoristo, voz ativa, terceira pessoa do singular;
5. *βάλλει* (v. 5): do verbo *βάλλω*, indicativo, presente, voz ativa, terceira pessoa, singular;
6. *ῆρξατο* (v. 5): do verbo *ῆρχω*, indicativo, aoristo, voz média, terceira pessoa, singular;
7. *νίπτειν* (v. 5): do verbo *νίπτω*, infinitivo, presente, voz ativa;
8. *ἐκμάσσειν* (v. 5): do verbo *μάσσω*, infinitivo, presente, voz ativa;
9. *ἥν* (v. 5): do verbo *εἰμί*, indicativo, imperfeito, voz ativa, terceira pessoa, singular;
10. *διεζωσμένος* (v. 5): do verbo *δια-σώννυμι*, particípio, perfeito, voz média, terceira pessoa, singular.

O gesto que Jesus realiza denota grande iniciativa pessoal no ato de sair de si mesmo e de depor as vestes, doando-se a cada um dos seus.

Se a introdução [da perícope] enfatiza a consciência soberana do Filho, a descrição detalhada dos atos realizados por Jesus tem uma espécie de lentidão hierática. Jesus levanta-se, depõe a veste, cinge-se, derrama água numa bacia e começa a lavar os pés... Nada dessa sucessão deixa transparecer uma vontade de humilhar-se diante dos discípulos. Jesus não se abaixa, ele assume a função de hospitalidade; essa ceia é a *sua* ceia, a última com os seus. A continuação do texto esclarecerá essa dimensão que se vincula com a do serviço como tal⁵⁷.

O contexto do “gesto de Jesus vem fora de hora: deveria ter acontecido antes de ir à mesa. Isso ressalta seu valor expressivo: é um gesto profético”⁵⁸. O Senhor desce até aqueles a quem ama, tomando o lugar dos que se consideram os menores na sociedade. Assumindo o papel de escravo, da mulher ou dos filhos para com seu pai, o Mestre possivelmente se inclina, deixando qualquer tipo de honra, renome ou poder opressivo ou dominador.

A expressão deixou o manto e sua correlativa do v. 12 *tomou o manto* estão em paralelo com 10,17ss: *entregar a vida/recobrá-la* “Deixar o manto” simboliza, portanto, dar a vida; é a vida que dá pelos seus amigos (15,13). Porém, imediatamente, Jesus toma o pano, símbolo do serviço⁵⁹.

⁵⁷ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 23.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 258.

⁵⁹ MATEOS; BARRETO, 1979, p. 591.

2.6.4 O diálogo de Jesus com Pedro (Jo 13,6-10a)

O gesto de Jesus provoca certa estranheza e desconforto em Simão Pedro, como observamos no quarto segmento da perícope. Sua resistência compreende os vv. 6-11. Porém, como já indicamos anteriormente⁶⁰, nós nos deteremos apenas em 6-10a.

Moloney destaca que “o lava-pés é parte do desígnio de Deus para Jesus, e a objeção de Simão Pedro indica que ele está impondo sua compreensão sobre as ações de Jesus. Existe uma falta de abertura em relação à revelação dos caminhos de Deus nas palavras e atos de Jesus”⁶¹. Desconcerta o fato de que aquele que é o Mestre e Senhor realize esse gesto que cabia apenas aos menores.

O desconcerto do discípulo, porém, abre caminho para o diálogo com o Mestre. A resposta à pergunta de Pedro, apresentada no v. 7, mostra que a atitude presente de Jesus não está sujeita à compreensão imediata dos discípulos. O Senhor está decidido a revelar seu amor: a revelação do amor de Deus se dispõe a realizar gestos com a esperança da compreensão em um tempo posterior.

No v. 8, Pedro resiste de forma veemente (“não me laves os pés em eternidade”) e a resposta de Jesus no modo subjuntivo (“se eu não te lavar”) indica que Ele não se impõe, mas faz um convite à resposta livre do discípulo. Apesar das resistências de Simão Pedro, Jesus se dirige a ele para fazê-lo compreender que é dessa forma (deixando-se lavar os pés) que poderá ter parte com Ele, ou seja, entrar em comunhão com Jesus que se oferece. “Pedro se opõe vigorosamente, como nos Evangelhos Sinópticos quando protesta a respeito dos anúncios de Jesus sobre a cruz (Mc 8,31-33). No Evangelho de João, Jesus responde que quem não adentra nesta ação com Jesus jamais partilhará sua herança (13,8)”⁶².

Ainda sem entender nesse momento, só mais tarde os discípulos poderão perceber o alcance do ato de Jesus e poderão captar o amor nele manifestado. O sentido do gesto é aqui anunciado prolepticamente, mas não é desenvolvido, o que será feito nos vv. 12-15.

⁶⁰ Cf. seção 1.1 desta dissertação, p. 10.

⁶¹ “The footwashing is part of God’s design for Jesus, and Simon Peter’s objections indicate that he is imposing his understanding on Jesus’ actions. There is a lack of openness to the revelation of God’s ways in Jesus’ words and deeds” (MOLONEY, Francis J. *Glory not dishonor: Reading John 13-21*. Minneapolis: Fortress Press, 1998, p. 14).

⁶² “Peter objects lustily, as in the Synoptic Gospels when he protests Jesus’ predictions about the cross (Mark 8:31-33). In John’s gospel Jesus replies that one who does not enter into this action with Jesus can never share his inheritance (13:8)” (REID, 2011, p. 255).

O extraordinário do gesto aparece também no pedido de Pedro de receber um banho no sentido da purificação judaica, enquanto Jesus insiste na necessidade não de um banho, mas de um gesto de serviço, a saber, lavar os pés, segundo a lição mais provável do v. 10a.

Com Léon-Dufour, importa ainda destacar que

[...] parece não ter utilidade dissertar sobre a ordem seguida por Jesus: terá Pedro sido o primeiro (Agostinho) ou o último (Orígenes)? Judas teve os pés lavados pelo Senhor? Essas perguntas, que dificilmente terão resposta, não interessam ao narrador. O que lhe importa é o caráter enigmático do gesto. À maneira dos profetas que realizavam ações simbólicas, Jesus quer indicar algo aos discípulos⁶³.

2.6.5 A interpretação do gesto por Jesus (Jo 13,12-15)

Finalmente, analisaremos o quinto segmento. Após realizar o gesto do Lava-pés, Jesus retoma o seu lugar à mesa e se dirige a toda a comunidade presente. Em um breve discurso de instrução, pergunta-lhes se reconhecem o que Ele fez. Parece uma contradição, já que, anteriormente, havia dito a Simão Pedro que mais tarde o compreenderia. “Podemos, por isso, concluir que na instrução subsequente se trata de ensinamentos que supõem a luz da Páscoa. É lógico, portanto, que se dirija a todos os discípulos. Trata-se do modo de viver da comunidade”⁶⁴.

Não encontramos anteriormente a ênfaseposta em dizer que Jesus é διδάσκαλος e κύριος. Em geral, ambas expressões somente se encontram fora daqui em contextos de relação; ὁ κύριος dentro da narrativa suscita em todas as passagens a suspeita de ser uma forma redacional (4,1; 6,23; 11,2). Na comunidade joanina parece que se falava do “Senhor”⁶⁵.

Conforme nos recorda Moloney, “independente do pano de fundo histórico e ritual desta instrução, dentro do seu contexto literário atual, a instrução de Jesus é um chamado para que os discípulos repitam em suas vidas o que Ele fez por eles”⁶⁶. Por meio do Lava-pés, Jesus deu a eles o exemplo de um amor que doa a si mesmo, amor que eles devem repetir (v. 15). Também

⁶³ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 23.

⁶⁴ BEUTLER, 2016, p. 326.

⁶⁵ SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 36.

⁶⁶ “Whatever may have been the historical and ritual background to this instruction, within its presents literary context, Jesus’ instruction is a call to his disciples to repeat in their lives what he has done for them” (MOLONEY, 1998, p. 16).

está presente nos sinópticos a instrução sobre o dever dos discípulos de seguir o caminho mostrado por Jesus (por exemplo, Mc 10,42-45 par.)⁶⁷.

A narrativa do Lava-pés vai demonstrando ao leitor a realidade de que acolher ou não o gesto não é indiferente: será a condição de participar na comunhão com o Mestre e Senhor. A comunidade é instruída com um ensinamento que não é apenas conceitual, mas uma experiência personalizada do amor de Jesus. “O que [Ele] acaba de fazer não é um gesto transitório, mas uma norma válida para todo tempo. É um serviço que ninguém impõe; não nasce do sentido do dever, mas da espontaneidade de amor, comunicada pelo Espírito”⁶⁸.

2.7 Observações diacrônicas

Neste ponto da pesquisa, apontamos algumas observações diacrônicas a respeito da perícope em estudo. Concentraremos nossa atenção apenas em algumas considerações no processo da redação do texto, assim como em peculiaridades do autor do Quarto Evangelho, tendo em vista que “a história de composição do capítulo 13 é muito complexa”⁶⁹.

2.7.1 Aspectos especificamente joaninos

Léon-Dufour indica que, na introdução solene (Jo 13,1), “com uma formulação rica de construções, João reúne os elementos essenciais de sua visão doutrinal”⁷⁰.

O versículo de entrada [...] tem configuração linguística muito particular. No início encontra-se a indicação do tempo, que deve ser interpretado não só cronológica como também liturgicamente. O que Jesus agora faz e vivencia ocorre no quadro da principal festa judaica da libertação⁷¹.

Schnackenburg apresenta três aspectos genuínos do Quarto Evangelho. O primeiro aparece em 13,6: “o ato de Jesus apresenta uma configuração totalmente joanina: diálogo com um discípulo (cf. 4,31-34; 6,7-9.67-70; 9,2-5; 11,8-10; 14,5-10), que não comprehende e interpreta mal o sentido profundo das palavras que lhe disse Jesus”⁷².

⁶⁷ Cf. PERKINS, 1997, p. 1275.

⁶⁸ MATEOS; BARRETO, 1979, p. 598.

⁶⁹ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 13.

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ BEUTLER, 2016, p. 323.

⁷² SCHNACKENBURG, 1980, v. 3, p. 43.

O segundo aspecto encontra-se também no diálogo com Simão Pedro e é proposto por Schnackenburg como uma questão: “É um eco joanino da rebeldia de Pedro contra o anúncio dos padecimentos de Jesus, que os sinópticos trazem depois da sua confissão messiânica (Mc 8,32 ss e par), mas que o Quarto Evangelista não menciona naquele lugar?”⁷³.

Finalmente, um terceiro aspecto peculiar do Quarto Evangelho é descrito da seguinte forma:

A negativa de Simão Pedro [...] a se deixar lavar os pés por Jesus responde ao respeito para com Jesus. O tratamento de κύριε, habitual também na boca de outras pessoas que se dirigem a Jesus no Quarto Evangelho, reforça-se aqui ainda mais com a ênfase σύ⁷⁴.

2.7.2 Unidade literária

Como já mencionamos no capítulo 1⁷⁵, referindo-se ao adeus de Jesus (13,1-17,26), Beutler considera que “as partes do texto aparecem como resultado de ‘releitura’ e atualizadas para uma nova situação de leitura”⁷⁶.

O problema literário de toda a seção surge do carácter redacional e da elaboração desses capítulos, que não se devem ler em chave puramente histórico-narrativa. O evangelista, depois de um longo período em que foi recolhendo as diversas unidades literárias, oferece um quadro unitário do ensinamento de Jesus aos seus discípulos, situando-o no contexto dos acontecimentos finais da sua vida⁷⁷.

A respeito da unidade literária do capítulo 13, U. Wilckens e de F. J. Moloney, bem como Mary L. Coloe e de J.-N. Aletti. veem uma unidade literária acabada em si. Sobretudo Aletti e Coloe reconhecem, no capítulo 13, um texto artisticamente elaborado, no qual se manifesta uma estrutura concêntrica⁷⁸:

O v. 1, aparece como “epígrafe” para todo o relato da Paixão em João, segundo comumente se observa. Num sentido mais restrito, o versículo introduz também uma narrativa subsequente, o lava-pés. Esta se inicia com o relato do gesto de Jesus (vv. 2-5), seguido do diálogo de Jesus e Pedro (vv. 6-11) e do ensinamento dos discípulos (vv. 12-20). A introdução deste ensinamento

⁷³ *Ibid.*, p. 43-44.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 44.

⁷⁵ Cf. seção 1.3 desta dissertação, p. 14.

⁷⁶ BEUTLER, 2016, p. 319-320.

⁷⁷ ZEVINI, 1995, p. 330.

⁷⁸ Cf. BEUTLER, 2016, p. 320.

retoma em ordem inversa a sequência dos verbos com os quais foi descrito o gesto nos vv. 4-5. A cena seguinte, que descreve a designação do traidor e sua saída da ceia, nos vv. 21-30, será novamente determinada por diálogos⁷⁹.

2.7.3 Análise da tradição da redação

Em nível redacional, Konings⁸⁰ destaca o ensinamento da humildade como traço comum a João e Lucas no contexto da última ceia: Jo 13,12-17 e Lc 22,24-27. Em relação a esse mesmo tema, Brown assinala que, entre os evangelistas, “a fraseologia é muito diferente. Porém, Lc 22,27 descreve algo que se parece muito ao que faz Jesus no relato joanino do lava-pés”⁸¹. Conclui, no entanto, afirmando que “João não depende dos relatos sinópticos sobre a ceia, mas parte de uma tradição diferente”⁸², embora seja possível pensar que “Lc 22,24-29 represente uma mistura da tradição sinóptica e de outra tradição semelhante à que aparece em João”⁸³.

Para o leitor familiarizado com a tradição evangélica, a cena, embora surpreendente, evoca sobretudo uma fala que, segundo Lucas, Jesus pronunciou justamente quando da última ceia: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22,27), ou, numa parábola que tinha como objetivo o final dos tempos, a sua afirmação: “O senhor, que à sua chegada, encontrar vigilantes os servos, em verdade vos digo, ele se colocará à mesa e, passando de um a outro, os servirá!” (Lc 12,37). Nesses dois textos, o serviço é o da mesa, e se trata de anúncio, não de serviço efetivo. Ao lavar os pés de seus discípulos, Jesus indica a maneira ainda mais evidente que toma o lugar do servo. Pedro não vê senão isso e resiste de imediato⁸⁴.

Seguindo ainda a consideração de Brown:

Os vv. 12-20 contêm outra interpretação do lava-pés conhecida nos círculos joaninos, em que aquela ação era considerada exemplo de humildade que devia ser imitado por outros. A esta interpretação se acrescentaram materiais miscelâneos (vv. 16 e 20)⁸⁵.

⁷⁹ BEUTLER, 2016, p. 322.

⁸⁰ Cf. KONINGS, 2005, p. 252.

⁸¹ BROWN, 2000, v. 2, p. 862.

⁸² *Ibid.*, p. 863.

⁸³ *Ibid.*, p. 877.

⁸⁴ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 23.

⁸⁵ BROWN, 2000, v. 2, p. 869.

Algumas das dificuldades repetidas por parte dos defensores da abordagem redacional são apontadas por Segovia:

Em termos do estilo joanino, os vv. 1-4 são bastante carregados: os verbos principais sustentam muitas cláusulas participiais e genitivos absolutos. [...] Os vv. 1-3 contêm uma duplicita desnecessário: o tema do retorno de Jesus introduzido na primeira cláusula participial do v. 1 é repetido na cláusula participial do v. 3. Os vv. 4-5 podem ser seguidos tanto pelos vv. 6-11 quanto pelos vv. 12-20. Em ambos os casos, o resultado seria uma narrativa completa e inteligível. Os vv. 7 e 12 não concordam. O v. 7 claramente se refere à “hora” da morte, ressurreição e ascensão de Jesus; dificilmente pode se referir à explicação seguinte dos vv. 12-20. Considerando que os vv. 6-11 apresentam o lava-pés como um sinal que aponta para a morte de Jesus, realizada de uma vez por todas, os vv. 12-20 apresentam o mesmo ato como um serviço humilde por parte de Jesus, a ser repetido para sempre por seus discípulos após sua morte. A justaposição das duas explicações é, portanto, dificilmente comprehensível. Os vv. 10b-11 e 18-19 constituem outra duplicita desnecessária⁸⁶.

A partir do que foi exposto, concluímos que se reconhecem repetições, mas essas não comprometem a leitura nem pedem necessariamente a hipótese de intervenção de outros autores. Podem ser explicadas pela releitura do texto em diversos momentos, o que vale para o conjunto dos discursos de despedida e do Quarto Evangelho como um todo.

2.7.4 Gênero e forma literária

O contexto narrativo do Lava-pés, como já dissemos anteriormente, é a refeição de Jesus com seus discípulos, seguida de ensinamentos que configuram um discurso de quem se despede. Podemos considerá-lo como parte narrativa do discurso de despedida, gênero literário conhecido na literatura judaica. “O gênero literário dos capítulos Jo 13–17 se encontra no

⁸⁶ “In terms of Johannine style, vv.1-4 are grammatically overloaded: the main verbs support too many participial clauses and genitive absolutes. [...] Vv. 1-3 also contain an unnecessary doublet: the theme of Jesus’ return introduced in the first participial clause of v. 1 is repeated in the participial clause of v. 3. Vv. 4-5 can be followed by either vv. 6-11 or 12-20. In either case, the result would be a complete and intelligible narrative. Vv. 7 and 12 do not agree. V. 7 clearly refers to the “hour” of Jesus’ death, resurrection, and ascension; it can hardly refer to the following explanation of vv. 12-20. Whereas vv. 6-11 present the washing of the feet as a sing which points to Jesus’ death, thus performed once and for all time, vv. 12-20 present the same act as a humble service on the part of Jesus, thus to be repeated forever by his disciples after his death. The juxtaposition of the two explanations is thus hardly comprehensible. Vv. 10b-11 and 18-19 constitute another unnecessary doublet”. (SEGOVIA, Fernando F. John 13 1-20, *The Footwashing in the Johannine Tradition*. Marquette University, Milwaukee, p. 36, 2009).

ambiente e na cultura judaica, onde estava muito difundido o gênero de ‘testamento’ ou ‘discurso de despedida’”⁸⁷. Zevini apresenta os elementos comuns a esse gênero literário, que podemos perceber presentes no Lava-pés e cenas subsequentes:

1. A personagem que vai morrer reúne os seus íntimos para deixar-lhes o seu último ensinamento.
2. Recorda-lhes as obras de Deus e propõe a sua vida como modelo a imitar.
3. Entrega-lhes como “memorial” a observância de suas palavras e o mandamento do amor mútuo.
4. Anuncia aos seus um destino no qual se mistura o sofrimento, o gozo e a paz.
5. Reza pelos seus para que permaneçam fiéis a Deus e continuem a sua obra⁸⁸.

Cortes, no entanto, não considera os capítulos 13 a 17 como um modelo claro do gênero literário “discurso de despedida”, pois está ausente um elemento essencial desse gênero que é o chamado aos destinatários do discurso. Mas ainda assim, “Jo 13–17 é um verdadeiro discurso de adeus que segue regras e costumes do gênero não apenas na classe do material que contém (amor fraterno, união fraterna), mas também no modo de apresentá-lo, ou seja, como um último ‘mandamento’”⁸⁹. Além disso, Jesus prevê, em certo sentido, o que será de sua comunidade depois de sua partida, exortando os seus a imitarem seu espírito de humildade e mútuo serviço como legado.

2.8 Semântica

Concluímos este capítulo, apresentando alguns termos relevantes da perícope, agrupados segundo seu campo semântico:

- vv. 1.3 εἰδὼς, v. 7 οἶδας, γνώσῃ, v. 12 γινώσκετε;
- v. 1 ἀγαπήσας, ἡγάπησεν;
- v. 5 νίπτειν, v. 6 νίπτεις, v. 8 νίψης, νίψω, v. 10 νύψασθαι, v. 12 ἔνιψεν, v. 14 ἔνιψα, νίπτειν;
- vv. 7.14.15: ἐγώ;
- v. 7 ποιῶ, v. 12 πεποίηκα, v. 15 ἐποίησα, ποιῆτε.

Inicialmente, merece a nossa atenção a palavra εἰδὼς, da raiz οἶδα, que aparece nos vv. 1 e 3. É um particípio perfeito, na voz ativa, nominativo, singular. O saber pertence ao campo

⁸⁷ ZEVINI, 1995, p. 330.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 331.

⁸⁹ Cf. CORTES, Enric. *Los discursos de adiós de Gn 49 a Jn 13-17: Pistas para la historia de un género literario en la antigua literatura judía*. Barcelona: Herder, 1976. p. 443-445.

semântico do conhecimento e do pensamento e refere-se à compreensão de Jesus em tudo quanto vive. “Jesus tem consciência de sua despedida e da sua volta ao Pai em vista da consumação da sua obra salvífica”⁹⁰.

No v. 7, lemos οἶδας e γνώσῃ, que também remetem ao mesmo campo do conhecimento. Dessa vez, os verbos têm Pedro como o sujeito e, em contraposição, ressalta-se o desconhecimento ou a incompreensão do discípulo. Ainda no v. 12, encontramos o verbo γινώσκετε, com o qual Jesus inicia a pergunta aos discípulos: “Reconheceis o que vos fiz?”. O mestre interroga os discípulos, procurando perceber se, após o gesto, eles alcançaram a compreensão.

Encontramos o segundo item a ser destacado em Jo 13,1: ἀγαπήσας e ἤγαπησεν. No N.T., ἀγαπᾶν (e suas variantes) aparece 141 vezes, das quais 71 ocorrências estão nos escritos joaninos. O termo “*agapan* está carregado de veneração e de razão”⁹¹. Também ágape é “como o amor único que se fez possível graças a Jesus; um amor espontâneo, imerecido, criador, que abre caminho para a união com Deus, que flui de Deus até o cristão e deste para com seu próximo”⁹².

Já no terceiro item, parece-nos especialmente relevante que, em Jo 13,5-14, o verbo νίπτω ocorra 8 vezes, de um total de 13 vezes no N.T.⁹³. Nos vv. 5-6.8.10.12 e na primeira ocorrência do v. 14, o verbo descreve o gesto em si, o ato de jogar água sobre algo com o fim de limpá-lo. Já na segunda ocorrência de νίπτειν no v. 14, o Mestre e Senhor parece fazer uma identificação implícita entre ἀγαπᾶν e νίπτειν.

No seguinte item, destacamos o pronome pessoal: ἐγὼ, ressaltando a ação em primeira pessoa. Para Brown⁹⁴, o absoluto *egō eimi* tem em João uma função reveladora. No entanto, pode ser simplesmente uma frase da linguagem comum, equivalente a “sou eu”, “eu {o} sou” ou “esse sou eu”. Jesus, o Mestre e Senhor, efetiva sua ação sendo dono de si. Consciente da sua doação, ele é o protagonista da ação de lavar.

Finalmente, sublinhamos o verbo ποιέω, que ocorre quatro vezes na perícope. Nos vv. 7 e no v. 12 e na primeira ocorrência do v. 15, o sujeito da ação é Jesus, sendo que, na primeira vez, o verbo está no presente ποιῶ e, nas duas seguintes, descreve a ação que acaba de ser realizada: πεποίηκα e ἐποίησα. Na segunda ocorrência do verbo no v. 15, este aparece no

⁹⁰ BEUTLER, 2016, p. 323.

⁹¹ BROWN, 2000, v. 2, p. 1600.

⁹² *Ibid.*, p. 1601.

⁹³ Cf. KONINGS, 2005, p. 258.

⁹⁴ Cf. BROWN, 2000, v. 2, p. 1657-1658.

presente do subjuntivo, indicando que a ação deve ser realizada agora pelos discípulos. Eles serão os novos atores do lavar-amar, uma vez que tenham reconhecido o sentido do gesto realizado pelo Mestre e Senhor, como explicitaremos no capítulo 4.

Concluída a exegese da perícope, prosseguiremos com a exposição do significado cristo-soteriológico do gesto do Lava-pés.

3 SIGNIFICADO CRISTO-SOTERIOLÓGICO DO GESTO DO LAVA-PÉS

Neste terceiro capítulo, trataremos do que Jesus quis expressar com o gesto do Lava-pés, interpretando-o como parábola do amor agápico de Cristo. “A interpretação cristológico-soteriológica entende o Lava-pés como uma ação simbólica pela qual Jesus torna patente e eficaz a sua entrega à morte em favor dos discípulos, não de uma maneira sacramental, mas na força de um amor que eles experimentam até o grau máximo”¹.

Interpretamos o gesto do Lava-pés como figura ou paradigma do amor agápico de Cristo, como expressão simbólica da verdade profunda do ser de Jesus, que assume a doação de si mesmo aos discípulos em favor de toda a humanidade. A salvação é ofertada por Cristo com a sua entrega gratuita e livre, manifestada no serviço do Lava-pés. Sabendo a sua identidade, Ele se despoja de tudo, até da sua própria vida, e revela a qualidade do amor agápico, que é expressão do próprio ser de Deus (cf. 1Jo 4,8,16).

3.1 Quem realiza o gesto do Lava-pés

Segundo o v. 1, Jesus é filho, que se muda deste mundo para junto do Pai. No v. 2, vemos que Ele pode ser considerado também o anfitrião que compartilha a refeição à mesa. Ele é ainda enviado divino, pois de Deus tinha saído e para junto de Deus estava voltando (v. 3). Nos vv. 4-5, assume o lugar do servo ou escravo. Nos vv. 6-10, aparece como Senhor e amigo no diálogo com Simão Pedro. Finalmente, nos vv. 13-14, Jesus mesmo se identifica como Mestre e Senhor. Assim, o sujeito do Lava-pés é Jesus, o Filho de Deus, amante da humanidade, anfitrião na refeição, o enviado do Pai, o Mestre e Senhor dos discípulos a quem se doa e serve.

O Filho, consciente de sua origem e do seu sentido de vida, sabe para onde vai, pratica e realiza gestos que revelam, no seu agir, o amor salvífico, assumindo sua missão em obediência ao Pai (cf. Jo 13,1.3). “Podemos observar que, por todo o evangelho, o Filho de Deus é apresentado como alguém ‘mandado’ pelo Pai”². Jesus assumiu a sua “hora” e consumou seu amor aos seus (cf. Jo 13,1). Vive uma íntima relação com o Pai que o enviou por amor e lhe deu autoridade, pondo tudo em suas mãos (cf. Jo 13,3). Ele reúne os discípulos em torno à

¹ SCHNACKENBURG, 1980, p. 45.

² DODD, 2003, p. 335.

mesa: “somente aqueles que acreditaram no tempo da luz estão admitidos à intimidade do amor”³ e serão introduzidos para ter parte (cf. Jo 13,8) com o Mestre e Senhor.

Jesus, conhecendo sua identidade e sua meta, assume seu caminho e missão de ensinar e mostrar o poder vivido no senhorio do amor. “O Cristo de João tem dois aspectos: a soberania toma rosto e se exerce no serviço. A autoridade de Cristo não é uma autoridade que escraviza mas uma autoridade que se põe a serviço do outro e o envolve com solicitude”⁴. Na comunidade que ele mesmo fundou, sendo o Mestre e Senhor, trilhou o caminho da descida até os pés, os membros mais baixos do corpo. O Senhor tornou-se Servo, escravo e servidor, com a motivação única do amor agápico total, absoluto, não egoísta, generoso, doador de forma gratuita até o fim, até o extremo. Ele está no centro da comunidade, mas não é autocentrado.

Jesus é para os seus a autoridade em pessoa; para os discípulos existe a obrigação de obediência diante das normas por ele traçadas. No entanto, não podemos esquecer que a autoridade de Jesus está ligada ao amor, é idêntica ao amor... Se compreendemos a comunidade partindo de Jesus, devemos também reconhecer a necessidade do amor de Jesus, e então ela estará sempre sob a exigência do amor de Jesus. Nisto se baseia toda a sua felicidade, sua sorte e sua salvação⁵.

Percebe-se, assim, que a lição de vida que Jesus quis ofertar aos seus não foi dada com orientações, leis ou teorias, mas com a existência, ensinando e revelando seu poderio, soberania do amor. O amor agápico de Jesus salva. Ele abdica dos signos de autoridade e depõe suas vestes para lhes oferecer a experiência do amor agápico abnegado. Mostra seu senhorio na autodoação por amor, no serviço, abaixamento e humildade.

3.2 Parábola do amor agápico

3.2.1 O que é uma parábola?

³ MERCIER, Roberto, *El evangelio según el discípulo a quien Jesus amaba*. Santa Fe de Bogota: San Pablo, 1995. v. 2. p.13.

⁴ “[...] le Christ joh conjoint ces deux aspects: sa souveraineté prend visage et s'exerce dans le service. L'autorité du Christ n'est pas une autorité qui asservit, mais une autorité qui se met au service d'autrui et l'entoure de sollicitude” (ZUMSTEIN, Jean. *L'Évangile Selon Saint Jean (13-21)*. Genève: Labor et fides, 2007. v. 2, p. 22).

⁵ BLANK, 1998, v. 4, t. 2, p. 50.

Relembremos o que apontamos na introdução desta dissertação⁶: no Evangelho de João, não se usa parábola como gênero literário. Entendemos esse termo, em seu sentido mais literal, significando “tipo”, “figura”, “imagem”⁷, “comparação de uma coisa com outra, semelhança, similitude”⁸.

“No seu sentido mais lato, uma parábola é uma forma de fala que se emprega para ilustrar e persuadir mediante uma figura”⁹. É “fala figurada [...] [usada] para dar expressão concreta, pitoresca e desafiadora a ideias religiosas para as quais não existiam conceitos abstratos correspondentes”¹⁰.

Antoniazzi afirma que “a parábola é um espelho. Serve para que os ouvintes enxerguem, através dela, o que sem ela não poderiam ver: seu próprio rosto, sua própria realidade”¹¹. O autor ressalta que a parábola “desvenda algo do futuro que ainda não percebíamos; a partir daí, obriga-nos a rever o passado, a romper com os velhos esquemas; a parábola, enfim, leva a uma decisão no presente: acolher Jesus e sua Palavra, ou recusá-lo e persegui-lo”¹².

Percebemos que o Lava-pés, como espelho do amor agápico de Cristo, desvenda a realidade atual e futura do seu amor ofertado. Jesus ama os seus no tempo presente. Conhecendo a história dos discípulos, Ele leva ao extremo seu amor com o gesto que vincula os seus e continuará a se doar no futuro, que ainda não se conhece. A partir desse amor, revê-se o passado e se rompem os velhos esquemas, levando a uma experiência que nos faz tomar uma decisão no presente: acolher Jesus Cristo, experimentando o seu amor salvífico e repetindo seu gesto, ou rejeitá-lo pela não aceitação do ensinamento na própria vida.

Para Reid, o Lava-pés “é uma parábola encenada, e, como em todas as parábolas de Jesus, seus discípulos se esforçam por entendê-la”¹³.

⁶ Cf. p. 7 desta dissertação.

⁷ Cf. BROWN, C.; PEISKER, C. H.; ZABATIERO, J. P. T. Parábola, alegoria, provérbio. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1566.

⁸ THAYER, Joseph Henry *apud* KUNZ, Claiton André. *Ações Parabólicas*: Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. 111 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 8.

⁹ BROWN, C.; PEISKER, C. H.; ZABATIERO, J. P. T., 2000, p. 1566.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ ANTONIAZZI, Alberto *apud* KUNZ, 2006, p. 25.

¹² *Ibid.*

¹³ “It is an acted-out parable, and as with all Jesus’ parables his disciples struggle to understand it” (REID, 2011, p. 255).

O ator de uma parábola dramatizada usava da mesma forma as coisas do cotidiano para proclamar a sua mensagem. Assim, Jesus usou uma bacia com água e um costume muito conhecido de lavar os pés para transmitir seu ensino aos discípulos¹⁴.

Referindo-se às ações parabólicas dos profetas do Antigo Testamento, “Fohrer afirma que, externamente (na transmissão literária), a ação parabólica pode ter as seguintes características: a) ordem; b) o relato; c) a interpretação”¹⁵. Na perícope do Lava-pés, identificamos dois desses três aspectos: relato (13,2-5) e interpretações (13,6-10a e 13,12-15), antecedidos por uma introdução solene (Jo 13,1). Assim, vemos Jesus que age de forma semelhante aos profetas do A.T. No Lava-pés, encontramos “um gesto simbólico e uma palavra profética [...], o gesto que expressa o sentido da entrega de Jesus como serviço amoroso e a palavra profética que anuncia o começo de dita entrega”¹⁶.

Com Zabatiero, afirmamos ainda que “a parábola é um quadro em palavras de algum trecho da experiência humana, concreto ou imaginado. Mas além disso, o quadro retrata ou um tipo ético para nossa admiração ou reprovação, ou algum princípio da maneira de Deus dirigir o mundo, ou ainda ambas coisas”¹⁷. Em continuidade a essa afirmação, percebemos o Lava-pés como uma experiência humana, que retrata a maneira como Jesus ensinou os discípulos. O exemplo que lhes deu é para ser seguido e praticado na relação de uns para com os outros, apesar de que esse ensinamento provoque não só admiração, mas também resistências, como verificamos em Jo 13,6.

3.2.2 Qualidade do amor revelado por Jesus Cristo

Compreendendo o Lava-pés como ação parabólica, levantamos a questão: quais as características do amor manifestado por Jesus na cena? Responderemos a essa pergunta, apoiando-nos em alguns textos bíblicos que explicitam os elementos desse amor, além das reflexões sobre a perícope que norteiam este estudo.

¹⁴ KUNZ, 2006, p. 36.

¹⁵ FOHRER, Georg *apud* KUNZ, 2006, p. 41.

¹⁶ MERCIER, 1995, p. 19.

¹⁷ BROWN, C.; PEISKER, C. H.; ZABATIERO, J. P. T., 2000, p. 1570.

Dom de Deus. Começamos com o texto de Isaías 53,2-12, que descreve o Servo despojado, sem aparência, desprezado, abandonado por todos, familiarizado com o sofrimento, levando sobre si as nossas dores. Vítima, ferido por Deus e maltratado, livremente humilhou-se. Como cordeiro conduzido ao matadouro, como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores, ele não abriu a boca. Ofereceu a sua vida como sacrifício expiatório. Sendo justo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. Despojado, entrega-se à morte e é contado entre os criminosos, e por eles intercede.

Vemos essas mesmas características em Jesus que lava os pés dos seus discípulos. Assume o lugar de Servo, depõe as vestes, isto é, despoja-se e não mantém a aparência. Livremente se levanta da mesa e se humilha no serviço aos seus. Oferta sua vida no silêncio do gesto. Sendo justo e praticando a justiça do amor, entrega a si mesmo. Na sua autodoação, intercede por aqueles que ainda não conhecem o amor de Deus, exortando os discípulos a que sigam seu exemplo. Da mesma forma, Paulo incentiva os gálatas a que, por ἀγάπη (ágape), sejam servidores uns dos outros (cf. Gl 5,13b).

Também no texto de Isaías 55, reconhecemos outras características do amor agápico. No v. 3, Deus promete fazer com o povo uma aliança eterna, que, para os cristãos, cumpre-se em Jesus. Ao lavar os pés dos discípulos, o Mestre os leva a “ter parte com ele” (cf. Jo 13,8). Vincula-os na comunhão do seu amor pelo gesto que é antecipação de sua entrega na cruz e estabelece a nova e eterna aliança.

Na sequência, em Isaías, lemos:

Com efeito, meus pensamentos não são vossos pensamentos, e vossos caminhos não são meus caminhos, oráculo de Iahweh. Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos, estão acima dos vossos caminhos, e meus pensamentos acima dos vossos pensamentos. Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem ter regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis, realizando o objetivo de sua missão. (Is 55,8-11)

A atitude de Jesus, expressão dos caminhos de Deus, está acima daquilo que os discípulos são capazes de compreender (cf. Jo 13,6-10a), pois o que ele realiza não é o esperado: o Senhor é aquele que serve.

No Quarto Evangelho, Jesus “é investido ou delegado por Deus para a humanidade”¹⁸. É a Palavra de Deus (cf. Jo 1,1), que sai da boca do Pai e “desce” ao mundo para morar no meio de nós (cf. Jo 1,14). Jesus volta ao Pai (Jo 13,3), não sem efeito, mas tendo realizado sua missão de amar até o fim e tendo cumprido aquilo que Deus quis.

Tendo amado os seus, Jesus realiza a ação própria da sua identidade, dando o fruto de um amor que vai até as últimas consequências. Como lemos em Lc 6,43-45, pelos frutos conhecemos a árvore. Pelos frutos da ação de Jesus, reconhecemos a “árvore” de onde Ele vem, isto é, de Deus (cf. Jo 13,3).

“Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Deus doa, envia o seu Filho único e, despojado dele, espera que seja acolhido. Quem nele acredite e confie, não se perde, mas tem a vida eterna. O amor sai de si e resgata a humanidade, oferecendo uma vida sem fim. O amor que desce à humanidade traz consigo a promessa de vida para sempre na comunhão e união com o Senhor. “Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo, para que vivamos por ele” (1Jo 4,8-9).

Amor agápico. O amor que se manifesta no envio do Filho é expresso de maneira concreta, na primeira carta de Paulo aos Coríntios (cf. 13,1-8). É a ágape que conduz a um modo de vida, como vemos encarnado em Jesus e especialmente expresso no gesto do Lava-pés.

Seguindo aquilo que Paulo expressa (1Cor 13,1-3), constatamos que a pessoa pode até falar em línguas, possuir o dom da profecia ou o conhecimento dos mistérios e de toda a ciência, ter a fé capaz de transportar montanhas, a qual Jesus se referiu (cf. Mt 17,20), mas, se não tiver amor, não é nada.

Quando o agir não está em sintonia com o ser, a ação torna-se fatigosa. Por outro lado, saber e não agir, ou não praticar o que é próprio da identidade do amor, faz viver na incoerência, na ruptura e na divisão do ser. Não conhecer e agir, ou falar sem o conhecimento baseado na própria experiência, esvazia e desgasta a vida. Em Jesus, vemos exatamente o contrário. Sua vida foi coerente com seu ser amor, vindo do Pai.

Na cena do Lava-pés, ao reconhecermos o amor agápico em ação, identificamos em Jesus as quinze características com as quais Paulo descreveu esse amor, como indicaremos a

¹⁸ DODD, 2003, p. 336.

seguir. O amor é paciente (1Cor 13,4) e não se irrita (1Cor 13,5). No Lava-pés, Jesus revela uma enorme paciência para acompanhar os discípulos até que possam compreendê-lo (Jo 13,7). “Não é que ignore os defeitos ou os erros daqueles que ama, mas, em vez de divulgá-los, silencia-os, e suporta com paciência”¹⁹.

Jesus percebe e acolhe cada discípulo na sua diferença e aceita também quem é. Portanto, não é invejoso (1Cor 13,4). Ao contrário, não procura o seu próprio interesse (1Cor 13,5), olha para o bem comum e se dispõe a abaixar-se para lavar os pés dos seus, assumindo a condição de Servo, em atitude de extrema humildade. Não há nele nenhum sinal de orgulho ou ostentação (1Cor 13,4).

Segundo Paulo, o amor nada faz de inconveniente (1Cor 13,5). À primeira vista, poderíamos até dizer que Jesus é inconveniente ao lavar os pés dos discípulos, colocando-os em uma situação de incômodo e desinstalação. Porém, um olhar mais profundo nos faz perceber que convém aos discípulos conhecer o amor que serve e que vai até o extremo.

Quem ama se entristece com a injustiça e se regozija com a verdade (1Cor 13,6). Viver a justiça é praticar o amor. Este é o imperativo de Jesus aos discípulos depois de lavar seus pés: “um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também” (Jo 13,15). E mais adiante completa: “Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis” (Jo 13,17).

No gesto do Lava-pés, Jesus mostra a verdade do amor que tudo desculpa (1Cor 13,7), que tira as culpas que encontra e faz caminhar sem carga de poeira e sem peso na consciência. Tudo crê e tudo espera, sabendo aguardar a hora da maturidade e da compreensão de cada um dos seus. Tudo suporta, oferecendo uma base segura e dando consistência aos discípulos.

O amor “é a única realidade da terra que permanecerá, tal como é, no outro mundo”²⁰. O amor, que jamais passará (cf. 1Cor 13,8), é o que Jesus oferta aos seus, amando-os até o fim (Jo 13,1). “O amor comprehende a totalidade da existência em toda a sua dimensão, inclusive a temporal. Nem poderia ser de outro modo, porque a sua promessa visa o definitivo”²¹.

Do reconhecimento consciente do grande dom do amor de Deus nasce o amor agápico de Cristo, doado aos discípulos de forma especial nos seus últimos dias. Tendo sido amado pelo Pai, Jesus viveu amando e comunicou aos seus, que estavam no mundo, o fundamento de sua

¹⁹ SPICQ, Ceslas. *Caridade e liberdade no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1966, p. 21.

²⁰ *Ibid.*, p. 35.

²¹ BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Deus Caritas est. Sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 14.

relação filial. O amor não perde a oportunidade de amar, não quer que nenhum se perca (cf. Jo 17,12), quer incluir a todos na salvação (cf. 1Tm 2,4). Mesmo aquele que se perderá no futuro, Ele o ama.

Amor “terminal”. Esse amor agápico de Jesus é a expressão da obediência criativa ao amor do Pai, que se traduz em uma linguagem compreensível, próxima e acessível à humanidade. A abundância de Jesus no seu amor contrasta com a falta de amor na comunidade, especialmente no coração de Judas Iscariotes que ia entregá-lo. Quando Jesus detecta que o amor se esgota na comunidade, não fica indiferente: a festa da vida não termina sem o seu agir que salva e ensina.

Em Jo 2, lemos que o mestre-sala, desconcertado, vai até o noivo, porque o que está acontecendo ali tem outra lógica: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!” (Jo 2,10). Como havia prefigurado no sinal das bodas de Caná, Ele também guardou e serviu o melhor vinho para o fim, isto é, o melhor amor foi doado no final da sua vida. Quando os discípulos ainda estão sem compreender, Jesus não dá um amor inferior, mas vai até o extremo e oferece um amor qualificado: ágape. É a herança que Jesus oferece aos seus quando sua vida neste mundo está chegando ao fim. O amor “terminal” de Jesus tem o mesmo caráter escatológico que o vinho do “agora” em Jo 2,10.

Jesus, como Servo, obedece ao Pai, fazendo o que seu amor lhe diz. O Pai coloca tudo em suas mãos. O Filho, por sua vez, coloca com suas mãos o que falta na comunidade, isto é, o amor agápico.

Amor de amizade. Os discípulos experimentam, no Lava-pés, o toque e a proximidade da humanidade de Jesus na sua própria existência. A ação do Mestre é amor gratuito e sem medida, que evoca um amor de amizade na intimidade da refeição em torno da mesa. Jesus convoca os seus e compartilha o amor fraterno no gesto comunitário carregado de incondicionalidade e fidelidade.

Na amizade aos seus, Jesus está disposto a esperar que seu gesto seja compreendido (cf. Jo 13,7), e algum dia, seja também realizado pelos discípulos (cf. Jo 13,15). O autêntico amor comporta o compromisso de assumir a outra pessoa de forma integral e até o final, amando o presente, o passado e o futuro, que lhe aguarda.

Ao exortar os cristãos a terem o mesmo sentimento de Cristo (cf. Fl 2,1-5), Paulo os convida a viver acordes, apontando para a unidade. Isso se traduz em ter uma só alma, um só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas agindo com humildade e julgando os demais como superiores a si mesmo, além de não cuidar só do que é seu, mas também do que é dos outros.

Conhecer o amor de forma vivencial leva à comunhão. O amor agápico divino está a serviço da comunidade com uma autoridade que desce, outorgando uma experiência vital que leva ao conhecimento desse amor, para seguir seu exemplo e viver na unidade.

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre uma cruz (Fl 2,5-9).

Amor oblativo. Jesus se oferece por amor até o fim aos seus, ofertando-se no gesto no qual compromete toda sua vida, dada aos discípulos no Lava-pés. O amor agápico é também amor oblativo. Jesus indica, com sua vida, a forma de amar e exorta os discípulos a praticarem essa mesma qualidade de amor uns para com os outros, seguindo o que Ele fez. Respondendo ao imperativo com o amor agápico, o discípulo participa em sua humanidade do ato salvífico de Jesus.

Percebemos, como escreve Brown, que “a vida do Jesus joanino é comparada com a oscilação de um pêndulo, que passa de um ponto mais elevado a outro mais baixo, para subir de novo ao alto”²². Jesus desce e se abaixa para nos conduzir ao grande amor. Grande amor que desce tocando o mais baixo no ser humano para o fazer subir na experiência do amor capaz de levantar a dignidade dos discípulos e fazê-los amar como Jesus, alcançando a grande medida de amor: dar a vida pelos amigos (cf. Jo 15,13).

3.3 Dimensão soteriológica do amor de Jesus na comunidade

²² Cf. BROWN, 2000, v. 2, p. 841.

O Filho de Deus em pessoa vem ao mundo para salvar a humanidade. “O amor de Jesus torna-se epifania do amor salvífico de Deus através da ação histórica consciente e livre de entrega da própria vida (Cf. Jo 10,17-18; 13,1-3)”²³. Jesus, também no Lava-pés, salva da solidão, do individualismo, da divisão na comunidade dos discípulos e os introduz para entrar na participação da comunhão com Ele, na vivência da comunidade fraterna.

A salvação é dom de Deus gratuito, de quem não exige pagamento, nem cria relações de dependência, mas de liberdade, consciência, autonomia e responsabilidade. Os discípulos, sendo livres, acolhem ou não essa oferta.

No contexto da sua despedida, Jesus, deixando um exemplo como legado, une os membros do discipulado no meio da diferença e da dispersão, salvando do desamor, que é fruto do estar fora da comunhão. Do mesmo modo, salva da mentalidade equivocada de querer ser superior aos outros, porque isso destrói as relações, a comunidade e a fraternidade. Salva do poder esmagador de quem quer estar por cima dos outros e vivifica as relações de fraternidade. Na perspectiva de Spicq, “é neste sentido que é preciso compreender a declaração de Jesus aos ‘seus’: ‘Para mim, vós não sois escravos, sois amigos’. Vivo convosco em pé de igualdade”²⁴.

3.3.1 Jesus assume a doação de si mesmo e entrega seu corpo

O dom da vida de Jesus não é uma simulação ou um teatro, mas é uma realidade: nele Deus mesmo se doa. No Lava-pés, Jesus esvazia-se de sua condição divina (cf. Fl 2,6-8) e, assim, torna visível a entrega de Deus por amor em favor da humanidade.

No Lava-pés, “Jesus assume a condição de servo e realiza uma ação simbólica e profética da sua entrega na cruz”²⁵. Ofertando o amor que faz falta na comunidade e no mundo, revela a atitude com que prepara a sua entrega. Esta se dará na disponibilidade do sacrifício, indo até a cruz, onde tudo será consumado (cf. Jo 19,30) no amor que vai até o fim (cf. Jo 13,1).

²³ WEILER, Lucia. *Fonte e Dinâmica do Amor Mútuo: Uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9*. 477 p. Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992. p. 82.

²⁴ SPICQ, 1966, p. 85.

²⁵ COSTA, Ademir Pereira da. *Narratividade e Teologia: O personagem Jesus em Jo 13-17*. 147 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017. p. 49.

Jesus-revelador não vem ensinar doutrinas superiores, esotéricas, coisas fora do mundo; revela o sentido profundo daquilo que ele próprio faz. No estilo dos profetas, por palavra e ação, ensina que o que ele faz é o que viu junto do Pai. E sua ação principal é: dar a própria vida²⁶.

Na pobreza experienciada na comunidade dos discípulos, marcada pela incompreensão dos caminhos do amor divino, Jesus se doa generosamente. “Com efeito, conhecéis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9). Com seu despojamento e a oferta da própria vida, Ele manifesta o amor agápico, enriquecendo os seus com sua entrega e ensinando-lhes o caminho do autêntico seguimento.

O amor agápico de Cristo abrange a oferta de si mesmo em seu corpo, entregue sem interesses e em ação de graças, indo até o extremo. Ao manifestar seu amor disposto a lavar-amar, o corpo de Jesus doado expressa a vontade de Deus.

João insere a narrativa do lava-pés no lugar em que os outros evangelhos narram a instituição da Eucaristia. Consciente ou inconscientemente, João mostra assim o lado interior da Eucaristia. Onde cristãos se reúnem para a ceia de Jesus, isso só pode ser verdadeiro no modo e no espírito em que Cristo entrou na sua paixão: em amor e prontidão para o serviço²⁷.

Na eucaristia, entrega pronta e amorosa, Jesus se entrega: “Tomai e comei, isto é o meu corpo” (cf. Mt 26,26b e par.). Essas palavras também são viva expressão no Lava-pés, que é também oferta do corpo de Jesus e cumprimento da vontade do Pai. “E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus realizada uma vez por todas”, como conclui o autor da Carta aos Hebreus ao falar do sacrifício de Cristo (cf. Hb 10,10).

Jesus assumiu tornar a sua vida uma oferenda agradável ao Pai. O agrado a Deus é o amor compartilhado que adentra a comunhão salvífica.

Por isso, ao entrar no mundo, ele [Cristo] afirmou: Tu não quiseste sacrifício e oferendas. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso, eu digo: Eis-me aqui, – no rolo do livro está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer tua vontade (Hb 10,5-8a).

²⁶ KONINGS, 2005, p. 20.

²⁷ BEUTLER, 2015, p. 328.

Jesus, no Lava-pés, realiza a vontade de Deus, implicando todo o seu corpo. Corpo que se levanta da mesa, depõe as vestes, cinge-se com a toalha, abaixa-se, inclina-se, toca os pés dos discípulos ao lavá-los e enxugá-los, expressando-lhes seu amor até o fim. Jesus age por amor com benevolência, aceitação, apreço, estima, compaixão, boa vontade, doando-se em benefício do seus. Sua entrega é amor que desce até os discípulos, porque ele “não se cansa de fazer o bem” (cf. Jr 40,31-32).

“Prestar culto a Deus é fazer o bem e agir misericordiosamente com as pessoas”²⁸. No Lava-pés, percebemos que Jesus não age por obrigação, mas livremente em louvor e em agradecimento. Sendo agradecido ao Pai, no final da sua vida, vive em gratidão. Assim, doa seu corpo gratuitamente por amor, fruto da sua fidelidade, da graça e da verdade.

3.3.2 Amor de irmãos e amigos, não de servos ou estranhos

Na refeição, o amigo e irmão é o anfitrião que se dispõe ao amor que lava e salva. A salvação ofertada por Jesus no Lava-pés é destinada aos seus, à humanidade, que é chamada a viver a relação filial e amistosa com Deus, o que torna os discípulos irmãos e amigos. O amor agápico proporciona ao ser humano uma relação de amizade com Deus, sem discriminação, incluindo e acolhendo com igualdade as pessoas de qualquer época, cultura, nacionalidade, cor, raça, etnia, orientação sexual ou condição social.

O Lava-pés acontece em ambiente de intimidade entre os discípulos e Jesus. O Mestre lhes oferece sua amizade e garante a possibilidade de que tenham parte com Ele.

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que o ouvi de meu Pai vos dei a conhecer (Jo 15,13-15).

O amor de Jesus em favor dos irmãos e amigos torna-se visível, comprehensível, palpável e concreto, na dedicação de tempo, atenção, escuta, energias e afeto. Nessa dinâmica, Ele gera um novo sistema de irmãos:

²⁸ WEILER, 1992, p. 91-92.

Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos. A ninguém na terra chameis ‘Pai’, pois só tendes o Pai Celeste. Nem permitais que vos chamem ‘Guias’, pois um só é vosso guia, Cristo. Antes, o maior dentre vós será aquele que vos serve. Aquele que se exaltar, será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado (Mt 23,8-12).

A prática de Jesus mostra que Deus é amor que se coloca a serviço. Também os sinópticos se referem a esse aspecto: “O filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45; cf. também Mt 20,28 e Lc 22,34-40). A exaltação, glória ou grandeza de Jesus consiste na atitude humilde de amor que serve dentro da comunidade. Na relação de irmãos, ninguém está acima dos outros, nem se considera superior.

O tipo de serviço do qual Jesus é modelo é [...] aquele de amigo a amigo. É um tipo através do qual qualquer ato de amor evoca uma resposta em relação ao outro. Não é simplesmente um serviço recíproco entre um círculo de amigos próximos, mas algo que alcança a outros para atrai-los²⁹.

A base da irmandade e da amizade é o amor agápico. O serviço do amor fraterno prolonga-se para alcançar a todos na rede da comunidade humana.

3.4 Jesus funda a comunidade de discípulos no amor

Finalizando esse capítulo, enfocaremos de modo sucinto o ensinamento do amor agápico, percorrendo as cinco partes da perícope, conforme à nossa divisão do texto bíblico exposta no segundo capítulo. Perceberemos, assim, o dinamismo daquilo que Jesus quer transmitir aos seus discípulos.

3.4.1 Amor condensado (Jo 13,1)

²⁹ “The type of service Jesus models is [...] that of friend to friend. It is a kind of whereby any loving act evokes a response in kind from the other. It is not simply a reciprocal service among a closed circle of friends but one that reaches out to draw others in” (REID, 2011, p. 256).

Em Jo 13,1, ressalta-se como o Filho assume o caminho no qual afronta a sua “hora”, hora de mudar deste mundo para junto do Pai, amando não somente de forma pontual, mas contínua e até o fim. “Nessa cena dramática, Jesus, servo do Pai, torna-se servo da humanidade. Sua hora chegou e ele ama os amigos ‘até o extremo’ (v. 1), uma ambiguidade joanina que inclui tempo e medida”³⁰. É manifestação do amor encarnado e que tem um destino (“aos seus”), amor condensado que expressa toda a existência de Jesus.

“A ‘viagem’ de Cristo para o Pai não é um movimento físico no espaço, como uma ascensão corporal ao céu, nem o ato físico de morrer. É aquela subida espiritual para Deus, que é a realidade interior de toda prece verdadeira”³¹. Jesus ensina que a viagem que empreende é também a realidade interior do amor, que eleva consigo aqueles que ama na experiência do amor salvífico.

3.4.2 Amor de Jesus consciente da própria identidade (Jo 13,2-3)

O amor é revelado em torno de uma mesa, na qual Jesus ensina a ocupar um lugar de comunhão fraterna e de íntima amizade. É amor contrastante para quem não ama, para quem tem a intenção de entregá-lo ou para quem declara que nunca irá abandoná-lo, mas, na sua fragilidade, negará, abandonará, trairá o Mestre no momento decisivo de sua “hora”.

Sabendo da sua identidade, que é amor, o Senhor instrui os discípulos a serem conscientes da própria identidade e origem e a viverem a vida como caminho de descida para amar até o fim.

Jesus, plenamente cônscio de sua missão, origem e destino divinos, está prestes a deixar o mundo e a voltar para o Pai (13,1-3). Isto dá ênfase especial a seu ato de humildade: é uma *katabasis*. Cristo, o eterno Filho do Homem, que desceu do céu para de novo subir, ao qual todo poder é dado (cf. 3,13.35;6,62), desce ao posto mais humilde de serviço³².

“Jesus não realiza seu gesto de serviço apesar da consciência da sua dignidade, mas exatamente por causa dela”³³. Sabendo de onde veio e para onde vai, o Senhor ama com todo o

³⁰ BERGANT; KARRIS, 1999, v. 3, p. 127.

³¹ DODD, 2003, p. 539.

³² *Ibid.*, p. 517.

³³ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1992. v. 2, p. 413.

coração, toda a alma e toda a força³⁴, realizando a doação de si mesmo, alicerçado na confiança que o Pai deposita em suas mãos (v. 3a).

3.4.3 Amor que serve aos seus (Jo 13,4-5)

Nas mãos de Jesus, estava o colocar-se em atitude de Servo, e essa foi a sua escolha.

No meio da ceia, Jesus levanta-se e tira o manto. A palavra utilizada, “himátia”, na realidade, significa as vestes; porém, em não poucas ocasiões, refere-se ao manto. Põe-se em atitude de escravo que lava os pés. O manto, na Bíblia, significa poder. Jesus se despe das roupas que indicam o senhorio e se cinge com um pano com o qual vai secar os pés dos discípulos³⁵.

Jesus, no Lava-pés, não se serve dos seus, mas serve aos seus, atingindo e tocando a sua existência. Como servo obediente, à luz do Servo Sofredor de Isaías, Jesus Cristo ensina aos discípulos a obediência ao Pai em liberdade, sem coação, nem obrigação.

Ao imaginar Jesus lavando os pés dos discípulos, podemos supor que os descalçou. Em Ex 3,5, Deus diz a Moisés: “tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa”. Ao descalçar os seus, Jesus nos convida a considerar a comunidade, os discípulos reunidos, como lugar sagrado. Com os pés descalços, está-se em contato direto com a realidade, sentindo o terreno, chão da comunidade que, às vezes, é realidade difícil.

“Ele [Jesus] não evita aquele que está prestes a traí-lo, nem aquele que está prestes a negá-lo. Ele lava os pés de todos”³⁶. O Mestre elimina barreiras, derruba muros, desvenda as defesas dos discípulos. Conhecendo o pior e o melhor deles, vive o amor sincero e sem hipocrisia³⁷, que aceita, assume e acolhe a cada um.

3.4.4 Amor que lava, dialoga e introduz na comunhão (Jo 13,6-10a)

³⁴ Cf. Dt 6,4-5.

³⁵ CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. *Evangelio de Juan: Comprensión exegético-existencial*. 3.ed. Madrid: Universidad Pontificia Comillas/Desclée De Brouwer, 2001. p. 299.

³⁶ “He does not skip over the one who is about to betray him and the one who is about to deny him. He washes the feet of all” (REID, 2011, p. 256).

³⁷ Cf. Rm 12,9: “ἀγάπη ἀνυπόκριτος” (ágape anupokritos).

Jesus ensina o amor que realiza o movimento e o caminho intencional, em proximidade, para chegar até onde está seu discípulo, porque “pretende prestar a Pedro seu serviço de servo (vv. 6-11)”³⁸, e introduzi-lo na comunhão com Ele. Vai até onde o outro se encontra, seja fisicamente, seja em nível da captação que o discípulo tenha.

Por meio do diálogo, o Senhor argumenta com Simão Pedro, enfrentando suas resistências em se deixar lavar. Explicita os elementos necessários que estejam ao alcance da sua compreensão para que o discípulo acolha o gesto de amor. Jesus não se apressa nem se impõe, passando por cima das perguntas colocadas por Pedro, mas aguarda o tempo para que ele chegue a uma certa compreensão. Isso mostra que, na concretização do amor, precisa-se de tempo, porque nem sempre o significado dos gestos é imediatamente apreendido.

Jesus acompanha Pedro, para que perceba que deixar-se lavar os pés é decisivo. Se não se deixar lavar-amar, não terá parte com o Senhor. É acolhendo o amor que o Mestre lhe destina que o discípulo entra em comunhão com Ele, participa da sua herança, “chamado a receber como dom o serviço que Cristo lhe oferece”³⁹.

“A recusa reiterada de Pedro (v. 8a) permite a Cristo aprofundar o sentido do ato simbólico (v. 8b), explicitando a consequência catastrófica da atitude negativa de seu discípulo. Só quem aceite este agir de Jesus a seu respeito pode permanecer em comunhão com ele”⁴⁰. Simão Pedro, quando percebe que o Lava-pés é a condição para ter parte com Jesus, pede para ter também suas mãos e cabeça lavados. Jesus insiste que aquele que “foi banhado”, talvez se referindo ao batismo⁴¹, precisa apenas deixar que seus pés sejam lavados pelo Senhor. Acolhendo essa expressão de amor, o discípulo aprende verdadeiramente a entrar em comunhão e pode, então, amar no estilo do Mestre.

3.4.5 Amor que exorta a seguir seu exemplo (Jo 13,12-15)

³⁸ BEUTLER, 2015, p. 324.

³⁹ “Le disciple est appelé à recevoir comme un don le service que le Christ lui rend”. (ZUMSTEIN, 2007, v. 2, p. 28).

⁴⁰ “Le refus réitéré de Pierre (v. 8a) permet au Christ de joh d’approfondir le sens de son acte symbolique (v. 8b), et ce en explicitant la conséquence catastrophique de l’attitude négative de son disciple. Seul celui qui accepte l’agir de Jésus à son égard, figuré par le lavement des pieds, peut rester en communion avec lui”. (ZUMSTEIN, 2007, v. 2, p. 27-28).

⁴¹ Cf. KONINGS, 2005, p. 259. FABRIS; MAGGIONI, 1992, v. 2, p. 414.

Depois de realizar o gesto, Jesus se reclinou na mesa de novo e explicitou o sentido daquilo que Ele fez.

Com fina sensibilidade pedagógica, [Jesus] pergunta aos discípulos pelo sentido do seu gesto: “Compreendeis o que acabo de fazer convosco?” (v. 12). Toda a ação e pergunta do Mestre revelam um modo de proceder de estilo rabínico, familiar para o evangelista. Compreende três partes: a ação misteriosa (vv. 4-5), a pergunta suscitada pela ação (v. 6) e o ensinamento correspondente (vv. 12-17)⁴².

Jesus leva à compreensão do seu gesto, dirigindo-se à comunidade e partindo da experiência que Ele mesmo ofertou. O Mestre e Senhor exorta os discípulos para que, seguindo o seu exemplo, façam a outros como Ele lhes fez⁴³. Indo à frente da comunidade na demonstração do amor, Jesus torna a vida um lugar de aprendizado do amor que os discípulos devem manifestar em suas relações, pautando o caminho da fraternidade.

Concluímos esse capítulo, recordando que o gesto do Lava-pés é parábola do amor agápico, que se torna a plataforma desde a qual Jesus leciona e ensina aos seus, com uma peculiar pedagogia, para que, a partir do seu exemplo, amem até o fim⁴⁴. Na doação de si, Jesus estabelece relações de fraternidade e amizade que deverão também ser propagadas pelos discípulos, estendendo a comunhão na qual foram introduzidos. O Lava-pés não é apenas gesto realizado por Jesus Cristo, mas se torna paradigma que inspira o caminho de vida no discipulado cristão. Esse será o tema do nosso próximo capítulo.

⁴² ZEVINI, 1995, p. 342.

⁴³ “Amemos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19b).

⁴⁴ “Tudo isso não é sem mais uma exortação moral, mas uma *revelação*. Com seu gesto, Cristo toma visível a lógica – de amor, serviço e doação – que guiou toda sua existência e que exprime sua dignidade e filiação: é servindo e doando-se que Cristo se torna disponível nas mãos do Pai, tornando-se sua imagem e transparência. Deus é amor”. (FABRIS; MAGGIONI, 1992, v. 2, p. 415).

4 O CAMINHO DO DISCIPULADO CRISTÃO PAUTADO PELO LAVA-PÉS

No terceiro capítulo, detalhamos como Jesus realizou o Lava-pés, tendo os seus discípulos como destinatários do gesto de amor e serviço. Neste quarto capítulo, explicitaremos tal gesto como exemplo do Mestre a ser reproduzido pelos “seus”, expressando o amor agápico “uns aos outros”. Além disso, veremos como o Lava-pés pode inspirar e iluminar a prática pastoral atual e a ação do cristão na sociedade.

O final da ação parabólica de Jesus marca o itinerário do seguimento no discipulado cristão. Lemos em Jo 13,14-15: “Se eu, pois, vos lavei os pés, o Senhor e o Mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Pois um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também”. A conclusão da parábola do amor agápico de Cristo abre caminho para a prática da exortação e instrução dada pelo Mestre e Senhor. “A conduta dos discípulos deve estar em sintonia com a conduta de Jesus narrada pelo evangelista a modo de exemplo”¹.

O autor do Quarto Evangelho, no início do capítulo 13, menciona a consciência de Jesus ao realizar o gesto. À semelhança e imitação do Mestre, os seus discípulos, sabendo que vem sua “hora”, são chamados a viver conscientes do caminho de mudança desse mundo para o Pai. A partir do ensinamento do amor agápico, são exortados a acolher o legado de Jesus.

Ao assumir em sua vida esse caminho, poderão dar passos que os introduzirão na comunhão com o Senhor para manifestar o amor agápico uns aos outros. Assim, tentando traduzir e atualizar o que Ele viveu, os cristãos enfrentam estradas desconhecidas e desafiantes, que lhes chamam a reformular rotas para seguir aquele que lavou os pés dos seus.

Dois elementos importantes no caminho do discipulado consistirão na acolhida da experiência do amor que Jesus oferece e na comunhão entre os discípulos, que acontece pela prática do amor recíproco. A acolhida do amor ofertado suscita confiança e desejo de obedecer ao Mestre.

Esse caminho se torna possível por se “ter parte” com o Senhor. Tendo sido por Ele amados, os discípulos se dispõem a amar “os seus”, que atualmente estão no mundo. Jesus ofertou o dom da sua própria vida no Lava-pés. Assim também os discípulos, que centram sua vida na pessoa de Cristo, serão capazes de reproduzir o exemplo do Mestre.

¹ MERCIER, 1995, p. 19.

Nesse itinerário, torna-se importante mudar posturas ou dirimir resistências para acolher a instrução do Senhor. Tal mudança leva à participação no vínculo de comunhão para o qual Jesus chama. Praticantes do amor agápico manifestado e oferecido, os discípulos são também incluídos na missão de introduzir outros na vivência do amor.

4.1 Os discípulos: novos atores do Lava-pés

Assim como no capítulo anterior nos referimos a Jesus como protagonista do gesto do Lava-pés, nesta etapa de nossa pesquisa, expomos, a partir de textos do Quarto Evangelho, algumas características dos discípulos de Jesus, que são os novos atores do gesto profético, parábola do amor agápico.

Os discípulos são aqueles que, vendo Jesus passar e escutando o testemunho de João Batista, seguiram-no. Jesus lhes perguntou: “que procurais?” e eles responderam: “Mestre, onde moras?”, recebendo nova resposta: “Vinde e vereis”. Eles foram, viram e permaneceram com Ele (cf. Jo 1,35-39). Ou seja, os discípulos são aqueles que, tendo-se aproximado do Mestre, abrem-se ao seguimento de Jesus.

Na sequência narrativa de João, os discípulos são também convidados às bodas de Caná, onde viram que Jesus colocou aquilo que faltava, transformando a água em vinho, e creram nele (cf. Jo 2,1-12). Apesar disso, ao longo do Quarto Evangelho, é notável a necessidade dos discípulos de “nascer de novo” (cf. Jo 3,1-8), tornando-se pessoas que têm consciência da necessidade de mudanças de mentalidade para adequação com os projetos e os caminhos do Mestre.

Outro traço importante dos discípulos é sua dificuldade de compreensão dos gestos de Jesus. No discurso do pão da vida, é notável a dificuldade em se sintonizarem com o que o Mestre diz e faz. Sobem com Ele à montanha (cf. 6,3), mas não compreendem o que o Senhor quer expressar quando lhes pergunta onde comprariam pão para alimentar a multidão (cf. Jo 6,5). Após a multiplicação dos pães, provavelmente ainda surpreendidos, recolhem os pedaços que sobraram (cf. 6,13). Podemos supor que experiência semelhante aconteceu na cena do Lava-pés: após o gesto de Jesus, os discípulos estariam ainda surpresos e sem compreender.

Em vários momentos, o evangelista João ressalta que os discípulos são aqueles que não entendem (cf. Jo 8,27; 10,6; 12,16), mas que percorrem, aos poucos, o caminho que vai da

incompreensão à compreensão (cf. Jo 2,21-22; 12,16)². Nesse percurso, murmuram e se escandalizam (cf. 6,61). Quando muitos “voltaram atrás e não andavam mais com ele” (Jo 6,66), Jesus questiona os Doze: “não quereis vós também partir?” (Jo 6,67). Na resposta de Simão Pedro (“Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus”, Jo 6,67-68), identificamos a imagem que esse discípulo tem de Jesus e que torna compreensível sua reação posterior diante do Lava-pés.

Os discípulos são definidos por Jesus como seus escolhidos: “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que vosso fruto permaneça, a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome ele vos dê” (Jo 15,16). Os escolhidos, os seus, são chamados pelo nome (cf. Jo 10,3; 20,16³) e acolhem a palavra e o amor de Jesus. Tornando-se seus discípulos, podem dar o fruto do amor mútuo (cf. Jo 13,34-35) e assim começam a empreender um caminho que lhes implica toda a vida. São capacitados para responder ao imperativo dado por Jesus, para fazer como ele fez, graças ao dom que lhes ofertou.

4.1.1 No seguimento de Jesus

Os discípulos caminham no seguimento de Jesus a partir de uma decisão livre e, para responder ao chamado recebido, devem “andar” como Ele andou (cf. 1Jo 2,6). O gesto do Lava-pés inspira e pauta a forma de agir e seguir no serviço por amor, estando aos pés uns dos outros, pois seguir Jesus, servi-Lo e amá-Lo conduz a uma identificação com Ele e a uma comunhão de vida. “Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu aí também estará o meu servo. Se alguém me serve, meu Pai o honrará” (Jo 12,26). Assim, onde Jesus está, aí estará quem o segue, serve e ama: na participação do caminho e destino final do Senhor. “Quem quer que esteja no amor e age movido pelo amor, vive da central realidade divina que nos foi desvendada por Jesus e tão cedo não chegará ao fim”⁴.

² Cf. COSTA, 2017, p. 34-50.

³ Cf. KITZBERG, 2003, p. 185.

⁴ BLANK, 1988, v. 4, t. 2, p. 45.

Seguindo o caminho de Jesus, o discípulo doa-se a serviço, na “glória do amor”, como no Lava-pés. Imita o exemplo do Mestre, saindo da mesa – saindo de si – e se colocando disponível para doar sua vida no serviço humilde na comunidade.

Os discípulos de Jesus o seguem quando livremente dão passos de proximidade na escuta do irmão ou amigo, percebendo o que falta e se colocando a serviço. Estão onde Jesus se encontra presente, acompanhando a história de vida dos seus, na sua dor, nos seus fracassos, com as pessoas que sofrem, dando consolo, cuidando e apoiando nos momentos de fragilidade do outro, amando até nas situações mais difíceis ou complexas.

Jesus chama os discípulos – de seu tempo e de hoje – ao seguimento também quando aparecem momentos em que, na hora de amar, surgem resistências por parte daqueles a quem se destina o gesto do amor agápico. A resposta dos discípulos permanece pautada pelo Mestre, quando amam em situações em que existem oposições ou se colocam impedimentos por parte daqueles a quem se expressa o gesto concreto do amor.

No discipulado cristão, é necessário ainda manter uma postura ativa de seguir os passos que o Mestre trilhou para viver o amor agápico. “Não basta que, passivamente, deixemos Jesus percorrer seu caminho de Servo Sofredor. É no fato de segui-lo,ativamente, que mostramos em nossa vida a aceitação de Jesus-Servo, que dá a própria vida (cf. Is 53; Jo 12,38)”⁵.

4.1.2 Os cristãos são reconhecidos pela prática do amor

Na prática do amor como distintivo dos cristãos (cf. Jo 13,34-35), as ações dos discípulos reproduzem o exemplo do Senhor. Eles vivem em resposta ao imperativo do Mestre. Inspirados pelo gesto que Jesus fez, realizam o memorial (presença e continuidade do exemplo dado) no dia-a-dia.

O símbolo do lava-pés é símbolo do total engajamento de Jesus, do empenho de sua vida até a morte. Por este motivo, este símbolo deve ser aplicado integralmente em sua profundidade a todo o ser e agir da comunidade de Jesus. É a marca de garantia que dá valor a todo o agir «cristão» e «eclesial» e que brota do amor como ação radical⁶.

⁵ KONINGS, 2005, p. 260.

⁶ BLANK, 1998, v. 4, t. 2, p. 49.

Os discípulos engajados dedicam suas vidas praticando gestos de amor. O exemplo que Jesus deixou no Lava-pés imprime neles a marca e a garantia do amor que os identifica como seguidores. Levam impregnada a forma de agir e de amar de Jesus e tentam praticar o amor que receberam como estilo de vida que se compromete num exercício perseverante.

Na prática do amor, o discípulo apresenta disponibilidade para sair de si, indo ao encontro do outro, ofertando o gesto que responda à necessidade vital deste, traduzindo o amor no cuidado, na dedicação, na atenção e na entrega. “Como Mestre e Senhor, a quem, como tal, os discípulos com toda a razão, respeitam, Jesus tornou-se servo de todos. Ele mostrou a seus olhos qual a atitude considerada certa”⁷. O serviço ao outro, na comunidade, é expressão do amor entre os discípulos.

Em suma, amando, esses seguidores de Cristo introduzem os demais na participação e na comunhão do amor que salva. “O que ama ao irmão e vive para ele, demonstra que é um seguidor autêntico daquele Mestre que amou aos seus até o sinal supremo de dar a sua vida por eles”⁸.

4.1.3 Instruir e exortar para multiplicar o amor

O amor agáptico, como já mencionamos anteriormente, tem fonte divina. Primeiramente, é acolhido para, depois, ser doado. Acolhido ao terem seus pés lavados, esse amor se expande na dedicação dos discípulos àqueles que o Pai lhes confia.

Fazer como fez Jesus no Lava-pés significa não apenas realizar gestos que expressem o amor agáptico, mas, como mestres, instruir outros para que façam o mesmo. Os discípulos, compreendendo a lição do Senhor, reproduzem-na em suas próprias vidas. Depois de efetivarem ações que revelam o amor, voltam à “mesa” e instruem a comunidade, seguindo o exemplo de Jesus em Jo 13,12c-15⁹ e procurando transformar sua vida em ensinamento.

⁷ BLANK, 1988, v. 4, t. 2, p. 48-49.

⁸ PANIMOLLE, S. A. Amor. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. (Dir.). *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990, p. 79.

⁹ “Disse-lhes: Reconheceis o que vos fiz? Vós me chamais: o Mestre, e o Senhor. E dizeis certo, pois eu {o} sou. Se eu, pois, vos lavei os pés, o Senhor e o Mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Pois um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também”.

A vida de Jesus e a dos discípulos que o seguem se tornam, no seu modo de agir, escola e mensagem do que é o essencial da comunidade cristã. Suas ações ensinam e comunicam a intencionalidade subjacente e inscrita na interioridade dos novos atores do gesto, porque tanto o conhecimento, como o sentido de vida não são apenas teorias, mas se traduzem em atos e exortações que implicam existencialmente suas vidas. Coração, alma e forças estarão, assim, integrados para amar e manifestar este amor através de gestos concretos.

Os discípulos de Jesus devem fazer de suas próprias vidas instrução de como amar, com coerência e pedagogia. Depois de agir, dirigem palavras sucintas que possibilitam a compreensão dos demais. Para abrirem-se uns aos outros a um novo entendimento, serão necessárias diversas perguntas no intuito de reconhecer o amor de Jesus e possivelmente vários encontros. Os cristãos, portanto, não ensinarão meras leis ou preceitos, mas darão testemunho do amor que implica todo o ser, inteligência, experiência e entendimento para verbalizar, na comunidade, a instrução de amar até o fim, dando a conhecer a missão e o sentido de vida àqueles a quem amam. Por meio do ensinamento, despertarão nos outros a capacidade que têm de amar-se entre si.

Os gestos realizados pelos discípulos na comunidade não acontecem para serem experimentados pontualmente, reconhecidos, louvados ou contemplados, mas são destinados a serem reproduzidos por parte daqueles que são amados, daqueles que acolhem o amor manifestado. “O lava-pés e os ensinamentos subsequentes serão interpretados erroneamente se os tomarmos como sermão piedoso que pretende uma animação espiritual. Eles pretendem muito mais mostrar a estrutura teológico-essencial da comunidade de Jesus”¹⁰.

Na atualidade, não deve ser diferente. Os cristãos devem seguir os passos do Senhor em seu estilo de vida, abraçando sua missão, acolhendo seu amor, optando por viver com e como Ele a verdade e o amor que os liberta do comodismo, da rivalidade e da indiferença. Assumindo o compromisso de ofertar a vida uns pelos outros, devem procurar praticar um amor comprometido.

¹⁰ BLANK, 1988, v. 4, t. 2, p. 48.

4.2 Qualidade do amor a ser praticado no caminho do discipulado ainda hoje

Continuamos a nossa exposição, recordando algumas qualidades do amor a ser praticado no caminho do discipulado: doação, suprimento do que falta, gratuidade e oblação, destacando, inicialmente, as palavras de Spicq:

a “agápe” não é um amor humano. Somente Deus pode amar com tal plenitude, tal intensidade de dom [...]. Por consequência, se um homem pode amar com autêntica caridade, será com a condição de ter recebido participação deste amor divino: ‘A caridade vem de Deus’ (1Jo 4,7)¹¹.

Os discípulos, sendo introduzidos nesse amor autêntico, participam da vida que o Mestre e Senhor lhes doou. “É com o amor eterno de Deus que Cristo ama os seus e os ama até ao fim (13,1)”¹².

Cada vez que o Novo Testamento emprega a palavra “agápe”, é preciso traduzir: “manifestação de amor” e subentender: “da maneira mais eficaz”. Por exemplo: amar seus inimigos, não é experimentar a seu respeito um amor sensível, mas prestar-lhes bons serviços (Mt 5,43-48). A pecadora anônima de Lc 7,44-48, que ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com seus cabelos “demonstrou muito amor”, tal como o bom samaritano que socorreu o ferido (Lc 10,30-37)¹³.

A revelação do amor agápico de Jesus Cristo, no Lava-pés, manifesta o poder do amor até o fim (Jo 13,1), na doação de si, pelos seus amigos. Através do gesto simbólico aos seus, o Mestre ofertou eficazmente o amor do Pai, que deverá ser, na atualidade, vivido e manifestado pelos discípulos.

4.2.1 Doação dos discípulos na comunidade

A exemplo do Senhor, que, no Lava-pés, doa-se aos seus, os cristãos são chamados à entrega de si na comunidade. “Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós

¹¹ SPICQ, 1966, p. 45.

¹² DODD, 2003, p. 522.

¹³ SPICQ, 1966, p. 36-37.

também devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3,16). O dever da doação mútua é fruto do legado de Jesus nos seus últimos dias.

A doação de uns aos outros inclui, muitas vezes, ir até onde os outros se encontram, tentando amar com um envolvimento não apenas racional, mas também relacional, na profundidade e praticidade da vida.

Nesse contexto, os discípulos são chamados a pautar seu caminho com o mesmo espírito de amor descendente que testemunharam em Jesus, dispondo-se a abaixar-se ou se despojar uns pelos outros. Da mesma forma que o Mestre, os discípulos, descendo até a realidade uns dos outros, tocam diferentes situações, nas quais podem manifestar o amor agápico. Assim também, no itinerário do discipulado, espelhado no caminho que Jesus percorreu no Lava-pés, os cristãos podem amar e depor “roupagens” para se inclinarem à realidade mais baixa dos “seus”. Aí lhes proporcionarão o gesto simbólico que expresse o amor até o extremo.

“A participação com Cristo, ponto de partida de toda essa cena exemplar (v. 8), plenifica-se na imitação de seu exemplo, inspirada no reconhecimento de sua auto-doação”¹⁴. Os discípulos plenificam sua participação na entrega de Jesus quando implicam suas próprias vidas na entrega, com ações que supõe a dedicação de tempo, atenção e cuidado, em detrimento das adversidades que encontram.

Na doação de si, os discípulos procuram ensinar a amar no meio da complexidade das relações, em que, por vezes, desmascaram-se corações arrogantes e soberbos. Ainda que estes não compreendam o significado das atitudes dos seguidores de Cristo, os seguidores de Cristo continuam amando, na esperança da compreensão futura, assim como o fez Jesus.

Por fim, trata-se de amor-ação¹⁵. Palavras não bastam, tornando-se necessárias as ações para expressar o amor manifestado por Jesus no Lava-pés. As atitudes devem vir antes das palavras, seguindo os passos do Mestre que primeiramente lavou os pés dos discípulos para depois dar-lhes o ensinamento.

4.2.2 Amor que supre o que falta na comunidade

A segunda característica do amor agápico, compartilhado entre os discípulos, é o

¹⁴ KONINGS, 2005, p. 260.

¹⁵ “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18).

suprimento do que falta dentro da comunidade. Quando necessário, o seguidor do Mestre levantando-se da mesa, observando com paciência a realidade, providencia o que está ao seu alcance e faz o possível para encher os vazios que possam existir na comunidade. Procura percorrer caminhos de diálogo e, quando se encontra diante de situações que requerem intervenção, tentará agir com prontidão.

Por vezes, diante das realidades comunitárias, os cristãos que se deparam com a ausência de unidade, coerência, confiança e transparência são chamados à escuta para identificar aquilo de que a comunidade carece e encontrar vias de solução. Assim, podem oferecer atitudes que suscitem a união e valorizem a integridade, e promover práticas fundadas na sinceridade e experiências que eliminem as desconfianças.

O amor agápico entre os discípulos se traduz também em assumir seu compromisso de amor, aproximando-se da incondicionalidade que Jesus demostrou no Lava-pés, ao suprir incompletudes. Assim, diante de vazios que possam existir na comunidade, os cristãos são chamados a oferecer o amor que falta e que é capaz de completar plenamente.

Os discípulos de Jesus, de ontem e de hoje, vivenciam o amor agápico na comunidade, quando captam a sua “hora” de amar e se comprometem em transformar incompreensão em entendimento no amor, orgulho em humildade, comodismo em serviço, desvalorização em reconhecimento do valor da vida uns dos outros.

Assim, os seguidores de Jesus buscam o que convém à comunidade, tentam viver na franqueza e, quando existem mágoas, procuram perdoar, vivendo a aceitação dos limites uns dos outros. “Finalmente, sede todos unâimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito” (1Pe 3,8). Agindo assim, os cristãos colaboram para que a festa da comunidade não termine em fracasso pela falta do essencial, isto é, o amor agápico como o melhor vinho da vida. Essa é a atitude que supre plenamente a comunidade.

4.2.3 Os discípulos como amigos e irmãos: relações de gratuidade

A amizade que Jesus ofertou no Lava-pés prefigurou o amor disposto a entregar a sua vida gratuitamente pelos amigos (cf. Jo 15,12-14). O Mestre e Senhor jamais assumiu seu lugar no meio da comunidade como dominador; pelo contrário, colocou-se no meio dos seus, com uma doação gratuita e desinteressada.

Similarmente, os cristãos que seguem o Mestre querem demonstrar o amor de irmãos e amigos, não de rivais, competidores ou estranhos. Assim, buscam gerar vínculos de amor que se multiplicam. Dessa forma, os demais não são vistos como objeto para atender às suas necessidades, mas como pessoas. São irmãos que se significam mutuamente.

A gratuidade do gesto do Lava-pés sugere a gratuidade com que os discípulos devem manifestar o amor uns para com os outros na convivência. Chama a atenção o fato de que, na exortação dos vv. 12b-15, Jesus não pede nenhuma retribuição direta para seu benefício, mas pede aos discípulos que repliquem seu gesto. Como define Weiler, “*agapan* [é] amor descendente de Deus; [...] amor gratuito de doação e compromisso que visa ao bem do outro”¹⁶. Por isso, os novos atores do Lava-pés devem exercitar-se em não pedir àqueles que amam a devolução do amor (em benefício próprio), mas devem suscitar também a extensão da doação do amor para com outros, assim como fez Jesus.

4.2.4 Amor oblativo: oferecer a vida unidos a Jesus

Conforme supracitado, acolhendo o gesto simbólico de Jesus no Lava-pés, os discípulos são capacitados para prolongarem a entrega do Mestre na comunidade, vivendo o amor que doa a vida voluntariamente (cf. Jo 10,18) e sem ostentação, vivenciando o amor agápico, que é também amor oblativo.

Para Spicq, “[...] a locução ‘até o fim’ conserva, evidentemente, seu sentido temporal: ‘até o extremo da vida’; mas, justamente porque esse ‘fim’ é o de um martírio voluntário, existe uma fidelidade heróica em amar até esse ponto”¹⁷. Assim como Jesus, os discípulos podem caminhar nessa fidelidade que os conduz ao serviço da manifestação do amor no dia-a-dia, dispostos a sacrificar-se pelo bem uns dos outros.

“O lava-pés é um símbolo: significa mais do que o mero gesto material. ‘Interpretar na prática’ o dom de Jesus significa não considerar Jesus como um ‘herói’, cujas façanhas vamos copiar, mas deixar aparecer o esvaziamento de Deus em nosso agir”¹⁸. Na repetição da ação de Jesus pelos discípulos, Deus se faz presente de modo similar à cena bíblica. Nesta, o Mestre

¹⁶ WEILER, 1992, p. 38.

¹⁷ SPICQ, Celsas, *O amor de Deus revelado aos homens nos escritos de São João*. São Paulo, Paulinas, 1981. p. 25.

¹⁸ KONINGS, 2005, p. 260.

despe da sua condição divina ao lavar os pés dos seus, ou seja, desfaz-se da concepção de superioridade divina e se coloca em uma ação de esvaziamento. Na doação dos discípulos, também desaparece a ideia de Deus como ser de alto poder que permanece à distância, e se faz notar a presença do Deus que vive na proximidade daquele que ama.

Como já afirmamos anteriormente, há a possibilidade de viver o amor agápico oblativo por parte dos discípulos na vivência do seguimento como participação e comunhão na missão de Jesus Servo Sofredor. De modo similar ao Mestre, quando experimentam o desprezo ou o abandono, livremente assumem a humilhação no silêncio e oferecem sacrifícios para doar o amor em atitudes conscientes, os cristãos podem ser expressão da missão redentora em favor de muitos. O amor vivido, assim, adentra o conhecimento do amor que Jesus manifestou, por meio de ações que continuam salvando.

Conservando seu sentido tradicional de “manifestação de amor”, *agape* significa que não se pode dar sinal mais decisivo, expressão mais profunda de amor do que dispor-se a morrer. Dar a sua vida não é somente o mais alto grau do amor (seria: morrer pelos seus inimigos), mas o sinal mais expressivo da sinceridade e da profundeza da afeição¹⁹.

A manifestação recíproca do amor implica, muitas vezes, dar a vida em sinais expressivos manifestados também àqueles que não são amigos. As relações dessa índole exigem exprimir com mais esforço as expressões de acolhida ou afeição. Inspirados pelo amor agápico, os cristãos oferecem com mais consciência o amor que não surge espontaneamente, mas que é fruto da ação de Deus que leva a ir além do agrado mútuo ou a superar uma possível antipatia.

“Se a comunidade dos discípulos reconhece a Jesus como Mestre e Senhor, então deve também tirar as consequências; não pode ficar apenas numa confissão verbal. Está vinculada ao exemplo de Jesus e isto significa ao seu engajamento de amor até a morte na cruz”²⁰. Uma das consequências de ser seguidor de Jesus, compartilhando o amor oblativo, é tornar a vida uma oferenda permanente, viva e agradável a Deus (cf. Rm 12,1-2).

Estando no meio da comunidade, em contextos fraternos, os discípulos estão chamados a vivenciar um amor desprendido, efetivando ações que implicam compromisso e doação da vida sem reservas, favorecendo a unidade e o crescimento da comunidade. “Se Jesus sacrifica

¹⁹ SPICQ, 1981, p. 37.

²⁰ BLANK, 1988, v. 4, t. 2, p. 49.

sua vida para servir seus seguidores, seus seguidores devem também estar prontos para pagar tal preço para cultivar a perseverança uns dos outros na fé”²¹.

A doação total de si, traduzida como amor oblativo, foi vista por Jesus no gesto da viúva indigente, que colocou, no tesouro do Templo, as duas moedinhas que tinha para viver (cf. Lc 21,1-4; Mc 12,41-44). Esse gesto é usado pelo Mestre para instruir seus discípulos. No Lava-pés, vemos que Jesus não dá bens aos seus, mas doa sua própria vida. A oblação que os discípulos desejam vivenciar também consiste na entrega voluntária, dando tudo o que se têm para viver. Essa oferta não será feita no tesouro do Templo, mas no contexto da comunidade que caminha para junto do Pai e que faz crescer o tesouro do amor até o fim. Trata-se da doação das suas vidas, “tendo parte” com o Mestre e Senhor. “Já que todo amor de caridade é ativo e se dá, a caridade perfeita caracteriza-se pelo sacrifício total. [...] Quem quer que ame de *agape* não rompe jamais seu compromisso. Uma vez que deu seu coração, amará para sempre”²².

4.3 Práxis pastoral à luz do amor agápico

Tendo elencado alguns aspectos do amor agápico a ser compartilhado na comunidade dos discípulos de Jesus, exporemos como o Lava-pés pode ser inspirador para a práxis pastoral dos cristãos, que refletirá a comunhão com o Mestre no serviço e na doação de si.

A explicação de Jesus parte do ponto de vista dos discípulos: “Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou” (v. 13). Concorda com eles e mostra a consequência disso: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (v. 14). O que eles têm por conceito, Jesus quer transformar em práxis. Faz isso não apenas por palavras, mas com gestos concretos, tornando-se o modelo para os discípulos²³.

Reconhecendo que a exortação de Jesus aos discípulos (“para que como eu vos fiz, vós façais também”, v. 15) pode ser aplicada em muitos campos, nós nos deteremos apenas em três âmbitos específicos da práxis pastoral, que consideramos especialmente relevantes à luz da

²¹ “If Jesus sacrifice his life to serve his followers, than his followers must also be ready to pay such a price to guard one another’s perseverance in the faith”. (KEENER, Craig S. *The Gospel of John: A Commentary*. Michigan: Baker Academic, 2003. v. 2, p. 911).

²² SPICQ, 1981, p. 25-26.

²³ PEREIRA, 2017, p. 46-47.

parábola do amor agápico: as relações fraternas, o serviço da autoridade e a transformação social.

4.3.1 As relações fraternas

Para conviver na comunidade, necessita-se do amor fraterno, que beba da fonte do amor agápico de Cristo, e não se baseie em critérios de relação fundamentados nos valores ou caminhos “do mundo”, mas, sim, no “do Pai” (cf. Is 55,8; Jo 13,1). Um desses critérios é a relação de pertença mútua, expressa em Jo 13,1: para Jesus, os discípulos são “os seus”. A base da fraternidade encontra-se na vivência desse pertencimento recíproco. Os “seus” são os que compartilham o caminho da vida, não são distantes, nem indiferentes. Nessa perspectiva, a prática do amor não acontece por acaso, por “obrigação”, por coincidência ou por não haver outra alternativa, mas como fruto do desejo de ofertar, gratuitamente, aquilo que receberam como dom.

A narrativa do Lava-pés, situada no contexto da refeição (Jo 13,2a), pressupõe que estão convocados aqueles chamados por Jesus. Esses compartilham, em torno da “mesa”, símbolo de reunião, proximidade, fraternidade e íntima comunhão.

O vínculo do amor fraterno na comunidade, inspirado no Lava-pés, supõe que, dentro das relações fraternas, nem todos estejam no mesmo nível de sintonia na compreensão, o que não significa que sua presença seja dispensável. Assim, a práxis cristã, baseada na lição do Mestre, levará a não excluir ninguém e à vivência de relações circulares em torno da mesa da fraternidade, como o Senhor o fez.

O Quarto Evangelista não se esquivou de pormenorizar que o diabo colocou no coração de Judas a intenção de trair Jesus (Jo 13,2b), porém a escolha em executar a traição foi tomada livremente em detrimento do convite do Mestre ao seu amor. Do mesmo modo, entendemos que, no contexto comunitário, acontecem dentro do coração de cada discípulo decisões livres, por vezes, distantes de compreender o amor presente. Porém, todos têm um lugar na comunidade.

“As orações ‘ameis uns aos outros’ e ‘lavar os pés uns dos outros’ se correspondem e traçam a característica essencial da identidade joanina”²⁴, como já indicamos no capítulo anterior. Nessa perspectiva, modificando o verbo *nipto* (lavar) pelo verbo *agapao* (amar), reconhecemos os passos do amor agápico concreto e visível a ser repetido. Na sequência narrativa, Jesus começou a amar (v. 5), deparou-se com a pergunta desconcertada de Simão Pedro “tu me amas?” (v. 6) e percebeu que a resistência transformou-se em negativa — “jamais me amarás assim!” (v. 8). Porém, o Senhor responde ao discípulo, explicando-lhe que deixar-se amar dessa forma é condição para ter parte com ele, para estar vinculado e unido ao Mestre.

Como já dito anteriormente, nas relações fraternas, os cristãos começam a amar porque escutaram e acolheram a exortação: “Se eu, pois, vos amei (lavar os pés), vós deveis também amar (lavar os pés) uns aos outros”. Vale ressaltar que o processo de amar, nas relações fraternas, não deve deter-se perante as diversas reações que encontre. Como Jesus, na atualidade, os discípulos podem escutar expressões ou perguntas dos que ficam surpresos ou colocam resistências (“tu me amas, me serves, me escutas?”). Por vezes, alguns acolhem o gesto do amor sem dizer nada. Podem também ocorrer situações em que a expressão de amor e de serviço seja impensável e a resposta, explícita ou implícita, seja: “não me ames!”. Entretanto, com paciência fraterna, aprenderão a aguardar o tempo necessário para que sejam acolhidos no gesto que manifestam, confiando na compreensão gradual daqueles que são amados (v. 7b). Acompanharão os outros para que compreendam: “se não te amo, não haverá comunhão entre nós”.

Começar a “lavar os pés” implica tomar a iniciativa e desenvolver uma série de ações que conduzem a um caminho da descida até o “chão”. Pode-se traduzir, às vezes, em se abaixar até os pés que caminharam no seguimento de Jesus, ou aos pés que são expressão de realidades tocadas ao caminhar na multiplicidade de experiências e situações vivenciadas pelos discípulos.

Seguindo o exemplo de Jesus, os cristãos podem amar com conversas ou atitudes. Colocando-se aos pés uns dos outros e levantando o olhar, valorizam-se mutuamente no discipulado. Porém, devem amar também as situações conflituosas, como a não aceitação pessoal ou a dor que se carrega por situações vividas no passado. Ao contrário do amor

²⁴ LARA, Valter Luiz. *Transformação social servida à mesa*. Interpretação cultural e sociorreligiosa do lava-pés em Jo 13,1-17. 275 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo, 2014. p. 71.

paternalista, que manifesta a autoafirmação através de gestos pseudo-caritativos, os autênticos discípulos de Jesus se dispõem a “depor as vestes”, apresentando-se com humildade para o mútuo serviço e a doação de si, como demonstra o Papa Francisco em diversas ocasiões, entre elas a celebração da Quinta-Feira Santa, no dia 24 de março de 2016²⁵:

Quando eu fizer o mesmo gesto de Jesus de lavar os pés a vocês doze, todos nós estamos fazendo o gesto da fraternidade, e todos nós dizemos: “Somos diversos, somos diferentes, temos culturas e religiões diversas, mas somos irmãos e desejamos viver em paz”. E este é o gesto que eu faço com vocês. Cada um de nós tem uma história de vida, cada um de vocês carrega uma história consigo: tantas cruzes, tantos sofrimentos, mas também tem um coração aberto que deseja a fraternidade²⁶.

Amar nas relações fraternas não se improvisa, mas se prepara, providenciando-se o necessário, material e espiritualmente para que nada falte e o gesto seja oportuno. Se, no Lava-pés, Jesus usou uma toalha, uma bacia e água, os cristãos procurarão providenciar os elementos necessários para expressarem o amor uns aos outros, aplicando sua inteligência e criatividade para seguir o exemplo do amor de modo adequado ao contexto. Na vivência das relações fraternas, a imitação de Jesus, os discípulos devem preparar um ambiente adequado para que, quando aconteçam as expressões, tudo fale do amor que se doa e se coloca a serviço.

A prática do amor agápico, no caminho do discipulado cristão, é um exercício constante e atento. Requer a escuta e a doação na perseverança do amor experimentado para pôr em prática o que Mestre e Senhor exorta, desejando não desistir. Ao expressar o amor, os cristãos precisam, muitas vezes, de cingir-se, silenciando palavras ou atitudes que não sejam consoantes ao seguimento de Jesus.

Nesse percurso, a prática do amor vai ganhando em experiência, e “quando tinham amado”, voltam ao lugar da mesa da fraternidade e instruem a partir do que praticaram, respondendo à urgência de viver a autodoação. “Desde que Jesus lavou os pés aos discípulos, a vida cristã está urgida pelo serviço aos outros e sem este não existe; serviço aos outros e vida

²⁵ A missa da Quinta-feira Santa de 2016 foi celebrada em um centro de acolhimento de refugiados, no Castelnuovo di Porto, próximo a Roma. Na celebração, na qual estavam presentes cerca de 900 refugiados, o Papa Francisco lavou os pés de doze deles, entre os quais encontravam-se três muçulmanos, um hindu, uma cristã e sete cristãos.

²⁶ FRANCISCO, Papa. *Santa Missa da Ceia do Senhor*: Homilia do Papa Francisco, 24 de março de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20160324_omilia_coena-domini.html. Acesso em: 17 maio 2018.

cristã formam uma só realidade”²⁷. As relações fraternas, baseadas no amor agápico, tornam-se exemplo para novas relações na comunidade cristã. Por isso, como o Mestre e Senhor, os discípulos podem-se exortar mutuamente: “também vós deveis amar”, seguindo o modelo de amor de Jesus.

4.3.2 O serviço da autoridade

Na atualidade, muitos cristãos ocupam postos de liderança nas comunidades. O Lava-pés inspira também a prática e a “hora” de assumir tais cargos como serviço e doação, conscientes de que o poder que têm nas mãos lhes foi dado pelo Pai, acolhendo o amor que receberam de Jesus e seguindo o exemplo do Mestre. Em muitas ocasiões, a forma de viver a liderança nas comunidades cristãs pode provocar medo ou submissão. Pode ainda traumatizar as pessoas, causando sofrimento e tristeza. Tais situações não condizem com a proposta de Jesus.

O relato joanino do lava-pés é [...] proposta de vivência religiosa alternativa para os membros da comunidade. Alternativa porque visa a romper com comportamento sociorreligioso predominante fora da comunidade e também no interior dela, uma vez que se elimina automaticamente no nível microssocial a tendência de reprodução dos costumes e estruturas das relações macrossociais. Transformar os relacionamentos socioculturais vigentes de assimetria social invertendo práticas, imaginários sobre os diferentes status e as tarefas que lhes correspondem estão presentes no relato joanino. As palavras do próprio Jesus sobre o gesto do lava-pés cumprem a função de fundar um novo paradigma de relacionamento religioso²⁸.

Diante das discussões dos discípulos sobre quem será o maior, explicitamente apontadas pelos sinópticos²⁹, mas que podemos supor também no contexto da ceia joanina, Jesus os instrui

²⁷ MERCIER, 1995, p. 25.

²⁸ LARA, 2014, p. 15-16.

²⁹ “O trecho 13,1-30 corresponde à narração sinótica da Última Ceia. O pormenor do lava-pés em 13,1-17 dramatiza a sentença colocada por Lucas (22,27) no contexto da Última Ceia: ‘Quem é o maior, aquele que está sentado à mesa, ou aquele que serve? Sem dúvida, aquele que está sentado; eu estou no meio de vós como aquele que serve’. A ação é apresentada como um exemplo para os discípulos em termos que lembram a frase de Mt 10,34; Lc 6,40: ‘O escravo não é maior, que o seu Senhor, nem o apóstolo maior do que quem o envia’. Isto evidentemente pertence ao conjunto geral de preceitos para os discípulos enquanto comunidade cristã” (DODD, 2003, p. 507).

com a lição dada por sua própria vida. Também dos relatos sinópticos ressoa o ensinamento do Mestre sobre a forma de governar dentro da comunidade dos discípulos, em contraposição com a dominação por parte “[d]aqueles que vemos governar as nações, e os seus grandes que as tiranizam” (Mc 10,42). Por isso, Jesus exorta:

Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10,43-45).

Na cena do Lava-pés, essas palavras se expressam no gesto parabólico de Jesus, instrução clara para os “seus”. Portanto, ao exercer funções de autoridade, os discípulos não deveriam ter atitudes que tiranizassem, menosprezassem, oprimissem ou dominassem os demais. Quem ocupa o “primeiro lugar” na comunidade deverá ser servo de todos, na doação total. O Lava-pés é “[...] expressão da identidade de um discipulado que pretende viver um igualitarismo radical no cotidiano do exercício de poder e da divisão de suas tarefas”³⁰.

Os líderes das comunidades cristãs, aspirando viver no espírito de doação, não ficam, pois, esperando que lhes sirvam, mas tentam exercitar-se no amor sendo servidores. Jesus não delegou a auxiliares algum dos atos envolvidos no Lava-pés. Ele mesmo pegou a vasilha, depositou nela água, depôs seu manto e se entregou plenamente à ação, ou seja, incorporou o papel de quem serve totalmente. Ele não estava à espera de quem lhe atendesse as necessidades, mas, sim, demonstrou em ações o que também deseja que os discípulos façam: que saiam do papel de admirados para executar a função de quem realmente está a serviço. É justamente por todas essas atitudes de Jesus que o Papa Francisco exorta hoje a Igreja a se desfazer das vaidades inerentes ao poder hierárquico e viver a liderança como efetiva manifestação do amor agápico que serve e se doa.

Quem coordena a comunidade deve se lembrar de que é também discípulo de Jesus e de que está chamado a reproduzir as atitudes do Mestre, buscando o bem comum e deixando de lado títulos ou símbolos de poder. “Em que consiste a ação que se espera por parte dos discípulos? Evidentemente, não em reproduzir a ação material de lavar os pés, mas na

³⁰ LARA, 2014, p. 6.

disponibilidade fundamental e efetiva de estar a serviço uns dos outros, um serviço sem reserva, isento da vontade de poder”³¹.

Aos cristãos que ocupam papéis de liderança cabe ainda a promoção da igualdade entre todos os discípulos na comunidade, sem perder de vista a necessária divisão de tarefas, que nasce tanto dos dons e talentos de cada um, como da devida organização comunitária. No entanto, não devem esquecer-se que “toda hierarquia é virada de cabeça para baixo e consequentemente é superada [...]. A divisão se tornou obsoleta, desde que o Mestre Jesus atuou como servo. Lavar os pés uns dos outros, assim sendo, estabelece igualdade entre os discípulos”³².

À luz do exemplo dado por Jesus, trata-se de exercer a autoridade passando da lógica deste mundo para a lógica do Pai, que é a do amor, do serviço e da fraternidade. Assim, os líderes comunitários se levantam, depõem atitudes que os fariam colocar-se acima dos outros e cingem-se com a toalha da disponibilidade, da escuta e da dedicação para atender aqueles que o Pai põe em suas mãos.

Colocando-se aos pés daqueles que servem, significam e amam os seus, com gestos concretos que expressam o amor agápico aprendido do Mestre. Mesmo quando não sejam compreendidos em suas tentativas de amar e servir, como Jesus, devem saber esperar pela acolhida e compreensão que poderá vir “mais tarde”. A maturidade no amor, segundo o exemplo dado pelo Senhor, será notada na capacidade de amar a todos sem exceção, atendendo especialmente os excluídos e propiciando a participação de cada membro da comunidade.

O exemplo dado por Jesus não é apenas um modelo a ser imitado, mas, como afirma Léon-Dufour, suscita um comportamento futuro nos discípulos:

É isso que deixa entender, na frase do v. 15, a conjunção *kathos*, que não significa simplesmente “como” no sentido de comparação, mas formula um laço intrínseco, uma relação de engendramento. Poderíamos parafrasear: “Ao agir assim, capacito-vos a agir da mesma forma”³³.

³¹ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 29.

³² “Any hierarchies are turned upside down and consequently are overcome [...]. The division becomes obsolete, since the master Jesus acted as a servant. Washing one another’s feet therefore establishes equality between the disciples”. (KITZBERG, 2003, p. 183-184).

³³ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 29.

Em uma extensão desse entendimento, podemos afirmar que, capacitado pelo próprio Jesus, líderes das comunidades cristãs podem, por sua vez, suscitar a confluência dos dons de todos os membros da comunidade no serviço e na manifestação do amor agápico. A corresponsabilidade, as palavras de encorajamento e incentivo, o apoio nos momentos cruciais, a promoção da comunhão e a proximidade nas relações serão marcas distintivas daqueles que exercem papéis de autoridade entre os discípulos de Jesus.

4.3.3 Inspiração para a transformação social

O gesto realizado pelo Mestre e Senhor será também multiplicado na propagação do amor agápico que contribui para a transformação da sociedade.

O lava-pés no relato joanino [...] é protagonismo de pessoas e grupos na comunidade que reinterpretaram suas [de Jesus] práticas cotidianas como a lavagem dos pés segundo a memória do testemunho de Jesus que transformou o significado sociocultural do lava-pés. Segundo essa memória joanina, o lava-pés é, portanto, proposta do ethos igualitário e anti-hierárquico no exercício do serviço do poder. O relato de Jo 13,1-17, neste sentido, é sem dúvida transformação social servida à mesa. Afinal, à mesa se partilha não só o pão, mas a vida daqueles com quem se come...³⁴

No meio de uma sociedade de poder e de marginalização, os discípulos de Jesus, inspirados pelo gesto do Lava-pés, são chamados a apresentar, no seu agir, o serviço, significando os pequenos.

Jesus, em relação aos seus, age saindo da mesa, para se doar e servir. O grande serve os pequenos, que experimentam o amor descendente do grande que vai até a realidade que vivem. O gesto de Jesus, reproduzido hoje pelos que o seguem, denuncia os critérios da sociedade atual, muitas vezes baseada em hierarquias em que os que têm poder se esquecem daqueles a quem devem servir e por cujo bem devem zelar.

Como aponta Theissen, o Lava-pés pode também ser interpretado como rito de inversão de status social que fomenta a igualdade³⁵. O lugar que Jesus ocupa é o lugar das mulheres, das crianças e dos escravos. “Ele foi capaz de executar a mesma tarefa que era restrita às pessoas

³⁴ LARA, 2014, p. 19.

³⁵ Cf. THEISSEN, Gerd *apud* LARA, 2014, p. 219.

consideradas de status inferior”³⁶. Na humildade do gesto, aparece a verdade do amor absoluto de Deus, que age em favor dos seus, doando-se, despojado de vestes ou roupagens. Seguir o exemplo do Mestre, no meio da sociedade, pode romper estruturas de dominação e transformar relações de submissão e opressão em relações de igualdade.

“O lava-pés [...] não é pois, ritual religioso de purificação de pecado, nem apenas o testemunho de serviço humilde de quem renúncia provisoriamente ao seu status”³⁷. Abordado não apenas como um rito ou como gesto de humildade, mas como a doação de si no amor agápico, o Lava-pés contribui para a transformação da sociedade. A doação de Deus, em Jesus, à humanidade, tornando-se Servo, é transformadora, pois revela mudança de paradigma. O Senhor é quem serve e se põe como exemplo. Quem não serve, não serve para seguir Jesus. Ao contrário, quem o segue, ama e decide descer à realidade e agir, contribuindo para a transformação das estruturas sociais.

Os discípulos de Jesus são chamados a abrir os olhos perante a realidade e não compactuar com o mal, praticando o verdadeiro amor, que se traduz em justiça e no serviço uns dos outros. Se os cristãos vivessem pautados profundamente no gesto profético de Jesus, poderiam agir, fazendo repercutir gestos conscientes e livres que expressem o amor agápico no meio da sociedade.

Perante uma sociedade que não tem tempo para viver um compromisso, hoje Jesus exorta os discípulos a praticarem seu exemplo, comprometendo-se com a sua “hora” de amar “até o fim”. No meio de uma sociedade em que, muitas vezes, não se tem sentido de vida, com o Lava-pés, os discípulos exortam os demais a saberem de onde vêm e para onde vão no caminho da vida, tornando coerente seu ser com seu agir pela prática do amor. Em uma sociedade com estruturas pautadas pelo mínimo esforço, os discípulos de Jesus, inspirados no gesto de Lava-pés, são chamados a serem ativos (levantar-se da mesa), não ficando parados no comodismo.

No Lava-pés, também se lavam as arrogâncias, tiram-se relutâncias, permitindo que os discípulos queiram, livremente, praticar o ensinamento do mútuo amor como o Mestre fez, e, assim, possam viver sua entrega. A atitude dos discípulos, ao ter parte com Jesus no servir-

³⁶ LARA, 2014, p. 228-229.

³⁷ *Ibid.*, p. 6.

amar-lavar na sociedade, com a doação das suas vidas, oferece perdão, tolerância, justiça e verdade.

Por meio da entrega e do compromisso de vida, os cristãos serão agentes de transformação social ao se empenharem também na aproximação de outros da “mesa”, ao favorecerem a inversão de papéis e o rompimento do “status” estabelecido, pois quem supõe-se ser o maior deverá ser servidor dos demais.

4.4 Jesus e os discípulos realizam o Lava-pés

Apresentamos, a modo de síntese, um infográfico que resume e ilustra a relação estabelecida entre os capítulos 3 e 4. Os cristãos, novos atores do gesto do Lava-pés, espelham-se em Jesus, Mestre e Senhor, que os exorta a fazerem o que Ele fez: lavar-amar até o fim na doação de si que gera comunhão fraterna, de modo a que suas vidas sejam também proposta e caminho para outros.

O LAVA-PÉS
NO
EVANGELHO
DE JOÃO
13,1-10a.12-15

Jesus, Mestre e Senhor

Discípulos, novos atores do Lava-pés

Amor revelado por Jesus Cristo

- Dom de Deus, doação de si
 - Amor “terminal”
 - Amor de amizade
 - Amor oblativo

Jesus funda a comunidade no Amor

- Serve aos seus
- Dialoga e introduz na comunhão
- Exorta a seguir seu exemplo

Amor praticado na comunidade

- Doação de si
- Amor que supre o que falta
- Relações de gratuidade
- Amor oblativo

Práxis pastoral à luz do amor agápico

- Relações fraternas
- Serviço da autoridade
- Transformação social

PARÁBOLA DO AMOR AGÁPICO DE CRISTO

CAMINHO DO DISCIPULADO CRISTÃO

REVELAÇÃO
INDICATIVO
CONHECER

CRISTO-SOTERIOLÓGICO

AÇÃO
IMPERATIVO
TER PARTE

COMUNIDADE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, abordamos o Lava-pés, compreendido como parábola, paradigma, ação simbólica vivida por Jesus quando chega a sua “hora”. Hora de expressar o amor de Deus que desce, serve, lava, aproxima-se, entrega-se, ensina, capacita para amar, fazendo-se caminho para que os discípulos amem como o Mestre lhes amou.

Os seguidores de Jesus, originalmente destinatários do gesto, são exortados a serem os novos atores do Lava-pés. Tendo percorrido o caminho da incompreensão à compreensão daquilo que o Mestre e Senhor fez, devem seguir seu exemplo, distinguindo-se pela prática do amor agápico. A ágape, como virtude e atitude, conduz os discípulos a atualizar a doação da vida, a suprir a comunidade com o amor que falta, a estabelecer relações fraternas fundadas na gratuidade e a oferecer suas vidas em oblação que se une à entrega de Jesus.

Também como o Mestre, os cristãos instruem a outros, a partir das experiências concretas do amor manifestado, incluindo-os na dinâmica da reciprocidade: “como eu vos fiz, vós façais também” (Jo 13,15). Finalmente, são chamados a exercer as funções de liderança, no serviço, como o fez Jesus, e a contribuir para a transformação social, favorecendo o rompimento do status estabelecido, a exemplo do Senhor que se fez servidor.

A qualidade do amor compartilhado entre os discípulos, como vimos ao longo da dissertação, segue os passos do amor agápico de Cristo, manifestado parabolicamente no gesto do Lava-pés. Jesus adotou o caminho do despojamento, da saída de si, do abaixamento, sendo e agindo como Servo dos seus a quem amou até o fim. O enviado divino realizou sua missão e desceu pela encarnação, chegou até a realidade humana e, na maturidade do amor, fecundou suas vidas com o amor ofertado no Lava-pés para ser praticado (cf. Is 55,10-11).

O exemplo de Jesus não foi apenas uma ordem moral, mas seu gesto tem caráter soteriológico, isto é, na ação de Cristo, oferece-se a salvação. No Lava-pés, o Filho tornou-se servo, assumindo a condição prefigurada pelo profeta em Is 53,1-12. Na sua entrega gratuita e livre, cumpre a vontade do Pai, introduzindo os seus discípulos na relação de amigos e irmãos, salvando-os da solidão, do comodismo, da indiferença, entre outros.

Jesus foi além de um rito de purificação e até mesmo de um gesto de humildade, pois doou o próprio amor de Deus no gesto ofertado aos “seus”. Tal entrega introduz os discípulos a terem parte com o Senhor quando, apesar das resistências e da incompreensão (Jo 13, 6-7.12), acolhem o amor oferecido e, tendo sido amados (lavados), começam também a amar com essa mesma qualidade de amor.

O desenvolvimento teológico dos capítulos 3 e 4 foi precedido, no capítulo primeiro, pela exposição de comentários de diversos autores sobre o Lava-Pés, destacando as diferentes chaves hermenêuticas possíveis para interpretar a perícope em estudo, e fundamentada na exegese apresentada no segundo capítulo. No que se refere à análise exegética, destacamos, a modo de conclusão, alguns elementos que foram especialmente importantes para nossa abordagem hermenêutico-pastoral:

- sabendo sua identidade, isto é, de onde veio e para onde vai, Jesus, assumiu a sua “hora” como hora de amar até o fim;
- os “seus” são todos os destinatários da revelação, não se reduzindo aos Doze;
- o Mestre e Senhor se despoja das vestes e assume o lugar do servo, realizando a ação que desconcerta os discípulos, mas que expressa o amor de Deus, que qualificamos como “agápico”;
- o poder que Jesus exerce na comunidade é o poder do amor que está a serviço;
- associando Jo 13,14-15¹ e Jo 13,34b², propusemos a releitura do Lava-pés com a substituição do verbo *nipto* (lavar) pelo verbo *agapao* (amar), percebendo, assim, a tradução concreta do gesto de Jesus a ser seguido pelos seus discípulos;
- a instrução à comunidade nasce do gesto concreto e é feita depois dele, não antes.

Reconhecemos que a perícope do Lava-pés é mais que um texto, é Palavra de Deus: a vida de Deus contida na Bíblia, Livro Sagrado; experiência do amor de Jesus ofertado aos seus, que caminham com Ele e, no seguimento, darão a conhecer o amor extremo.

Na elaboração da dissertação, vimo-nos diversas vezes em meio ao perigo de idealizar a vida dos cristãos, supondo que já vivessem como Jesus e fossem capazes de amar sempre com a qualidade da ágape, quando, na realidade, trata-se de dar passos em meio a fragilidades próprias e dos outros, trilhar caminhos de acertos e erros, na perseverança do seguimento do Mestre e Senhor. Evitar um discurso moralizante e manter a linguagem exortativa e propositiva de Jesus foi um desafio. Esperamos ter escapado desse risco.

Somos conscientes também da profundidade do tema e da diversidade de enfoques possíveis para abordar a perícope, tendo feito o exercício de restringir-nos à abordagem proposta. Gostaríamos, porém, de indicar portas que se abrem como pistas para outras pesquisas.

¹ “Se eu, pois, vos lavei os pés, o senhor e o mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Pois um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também”.

² “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”.

Um possível desdobramento desse estudo poderia ser a análise comparativa da perícope que relata a unção de Betânia em João (12,1-11) e a cena do Lava-pés. Nas duas passagens, o gesto é simbólico e remete à “hora” de Jesus. Percebemos ainda uma analogia entre o comentário de Judas no capítulo 12 e a resistência de Pedro no capítulo 13 (não compreensão do significado da ação), além da similaridade no ato de Maria e de Jesus, que se colocam aos pés e expressam amor ao(s) destinatário(s) dos respectivos gestos.

Outro enfoque seria abordar o Lava-pés a partir da chave de leitura da comunhão que nasce do amor agápico e o expressa: comunhão de Jesus com o Pai, de Jesus com os “seus” e entre os discípulos.

Finalizando a elaboração desta dissertação, captamos a riqueza, a beleza e sua profundidade do texto bíblico objeto de nosso estudo. Valorizamos especialmente a possibilidade de adentrar na compreensão teológica do caráter cristo-soteriológico do Lava-pés, que pauta o caminho do discipulado cristão. A ação realizada por Jesus, Salvador, Mestre e Senhor, manifesta seu senhorio do amor, no dom de si e no serviço como Servo. O seguimento de Jesus não parte de uma lição moral, mas da comunhão que vem ao “ter parte” com Ele, o que acontece na medida em que os cristãos acolhem o amor doado, deixam-se lavar-tocar-amar-salvar e, por sua vez, trilham o caminho de reprodução do gesto de amor, propagando e multiplicando-se, assim, a ágape divina.

REFERÊNCIAS

- ALAND, Kurt. *et al.* *The Greek New Testament*. 3.ed. [S.l.] Sociedades Bíblicas Unidas, 1975.
- _____. *Synopsis quattuor evangeliorum*. 8.ed. Auflage: Württembergische Bibelanstalt Stuttgart, 1973.
- BEATRICE, Pier Franco. *La lavanda dei piedi: Contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*. Roma: Liturgiche-Roma, 1983.
- BENNEMA, Cornelis. Mimesis in John 13: Cloning or Creative Articulation? *Novum Testamentum*, Bridgend, n. 56, p. 261-274, 2014.
- BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Deus Caritas est*. Sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999. v. 3.
- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*: Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLANK, Josef. *O evangelho segundo João*. Vozes: Petrópolis, 1988. v. 4, t. 2.
- BÖLTING, Rudolf. *Dicionário Grego-Português*. São Paulo: [s.n.], 1953.
- BROWN, C.; PEISKER, C. H.; ZABATIERO, J. P. T. Parábola, alegoria, provérbio. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1566-1580.
- BROWN, Raymond E. *El evangelio según Juan: XII-XXI*. 2.ed. Madrid: Cristiandad, 2000. v. 2.
- CANCIAN, Domenico. *Nuovo Comandamento Nuova Alleanza Eucaristia: Nell'interpretazione del capitolo 13 del Vangelo di Giovanni*. Collevalenza: Edizione L' Amore Misericordioso, 1978.
- CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. *Evangelio de Juan: Comprensión exegético-existencial*. 3.ed. Madrid: Universidad Pontificia Comillas/Desclée De Brouwer, 2001.
- CORTES, Enric. *Los discursos de adiós de Gn 49 a Jn 13-17: Pistas para la historia de un género literario en la antigua literatura judía*. Barcelona: Herder, 1976.
- COSTA, Ademir Pereira da. *Narratividade e Teologia: O personagem Jesus em Jo 13-17*. 147 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017.
- DODD, Charles Harold. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003.

- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Loyola, 1994.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1992. v. 2.
- FRANCISCO, Papa. *Santa Missa da Ceia do Senhor*: Homilia do Papa Francisco, 24 de março de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20160324_omilia_coena-domini.html. Acesso em: 17 maio 2018.
- FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. *O Novo Testamento*: Grego analítico. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- HAUBECK, Wilfrid; VON SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Targumim/Hagnos, 2009.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 7.ed. São Paulo, Paulus, 1976.
- KEENER, Craig, S. *The Gospel of John*: A commentary. Michigan: Baker Academic, 2012. v. 2.
- KITZBERG, Ingrid Rosa. Transcending Gender Boundering in John. In: LEVINE, Amy-Jill (Ed.) *A Feminist Companion to John*. London/New York, 2003. v. 1, p.173-207.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*: Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Evangelho segundo João*: Tradução. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2007. Apostila digitalizada.
- _____. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.
- KUNZ, Claiton André. *Ações Parabólicas*: Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. 111 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.
- LARA, Valter Luiz. *Transformação social servida à mesa*. Interpretação cultural e sociorreligiosa do lava-pés em Jo 13,1-17. 275 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo, 2014.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João III*: Capítulos 13-17. São Paulo: Loyola, 1996.
- LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MACHADO, Renato da Silva. O amor/ágape e o serviço/diaconia, nos escritos joaninos. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 95-109, jul./dez. 2011.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El evangelio de Juan: Análisis lingüístico y comentário exegético*. Madrid: Cristiandad, 1979.

MERCIER, Roberto, *El evangelio según el discípulo a quien Jesus amaba*. Santa Fe de Bogota: San Pablo, 1995. v. 2.

MOLONEY, Francis J. *Glory not dishonor: Reading Jonh 13-21*. Minneapolis: Fortress Press, 1998, p. 1-28.

NAUTL, François. *O lava-pés um não sacramento*. São Paulo: Loyola, 2015.

OMANSON, Roger. *Variantes Textuais do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PANIMOLLE, Salvatore Alberto. Amor. In: ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antonio (Dir.). *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990. p. 60-93.

PERKINS, Pheme. Il vangelo secondo Giovanni In: BROWN, Raymond E. (Ed.). *Nuovo Grande Commentario Biblico*. Brescia: Queriniana, 1997. p. 1234-1291.

PETTER, Hugo. *La nueva concordancia Greco-española del Nuevo Testamento*. Barcelona: Mundo Hispano, 1976.

RAD, J. João, Evangelho. In: BOGAERT, Pierre-Maurice et al. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus/Academia Cristã, 2013. p. 747.

REID, Barbara E. What's Biblical about... Washing Feet? *Bible Today*, Chicago, v. 49, p. 253-256, jul/aug 2011.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El evangelio segundo San Juan: Versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1980. v. 3.

RICHTER, Georg. Die Fusswaschung Joh 13,1-20. *Münchener Theologische Zeitschrift*, t. 16, p. 13-26, 1965.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

SEGOVIA, Fernando F. John 13 1-20, The Footwashing in the Johannine Tradition. Marquette University, Milwaukee, p. 31-51, 2009. Disponível em: <https://discoverarchive.vanderbilt.edu/handle/1803/7498>. Acesso em: 23 dez. 2017.

SIMOENS, Yves. *Selon Jean: Une traduction*. Bruxelles: Institut d'Études Théologiques, 1997. v. 1, p. 70.

SPICQ, Ceslas. *Caridade e liberdade no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1966.

_____. *O amor de Deus revelado aos homens nos escritos de São João*. São Paulo, Paulinas, 1981.

TUNC, Suzanne. *También las mujeres seguían a Jesús*. Bilbao: Sal Terrae, 1999.

VAN BELLE, Gilbert. *Les parenthèses dans l'Évangile de Jean*. Leuven: University Press, 1985.

WARNACH, A. Amor. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1988. v. 1, p. 37-66.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*: Manual de Metodologia. 7.ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WEILER, Lucia. *Fonte e Dinâmica do Amor Mútuo*: Uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9. 477p. Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

WENGST, Klaus. *Interpretación del evangelio de Juan*. Salamanca: Sígueme, 1988.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Ceia do Senhor. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 317-336.

ZEVINI, Giorgio. *Evangelio según San Juan*. Salamanca: Sígueme, 1995.

ZUMSTEIN, Jean. *L'Évangile Selon Saint Jean (13-21)*. Genève: Labor et fides, 2007. v. 2.